

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO
PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR**

MONOGRAFIA (APRESENTAÇÃO DE ESPECIALIZAÇÃO)

Michele Ziegler de Mattos

Santa Maria, RS

2012

BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR

por

Michele Ziegler de Mattos

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de:

Especialista em Educação Física Escolar

Orientadora: Prof^a. Dr^a Angelita Alice Jaeger

Santa Maria, RS, Brasil

2012

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Curso de Especialização em Educação Física Escolar**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR

elaborada por
Michele Ziegler de Mattos

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Física Escolar

Comissão Examinadora

Angelita Alice Jaeger
(Presidente/Orientador)

Marco Aurélio de Figueiredo Acosta(UFSM)

Mara Rubia Antunes(UFSM)

Maria Cecilia Camargo Günther(UFSM) - Suplente

Santa Maria, 30 de novembro de 2012.

*“Mulheres ousadas
Gosto, sim, de mulheres ousadas,
daquelas que não tem receio de assumirem-se
lindas, sexys e maravilhosas. Mulheres que
sabem bem o que querem - e o que não
querem! – sem se importar com conceitos
antiquados ou tabus. Mulheres de um
novo tempo: o tempo delas!
O tempo de elas serem tudo o que podem e o que
quiserem ser, após tanto tempo de repreensão.
Mulheres ousadas são sim, mulheres
que ultrapassam fronteiras, são verdadeiras
agentes de transformação de uma sociedade
ainda tão hipócrita. Gosto de
mulheres ousadas, por que reconheço
que as mulheres tem todo o direito
do mundo de assumir sua feminilidade,
de aproveitarem as coisas boas da vida,
e de serem imensamente felizes – até por que poucas
coisas do mundo são tão belas quanto
um sorriso feminino. E eu simplesmente adoro
o sorriso das mulheres ousadas”.*

Augusto Branco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus...

Aos meus pais, obrigado por terem doado tanto de suas vidas, abdicando de seus sonhos e planos para que eu vivesse os meus e, sobretudo pela confiança que depositaram em mim.

A minha irmã, que sempre me apoiou nas horas difíceis e vibrou nos momentos de minhas realizações e quem mais conhece a minha trajetória.

Agradeço ao empenho e as horas de dedicação da professora Angelita, que compartilhou comigo seus conhecimentos e me auxiliou em busca dos meus ideais profissionais, fazendo-me enfrentar o caminho com coragem, comprometendo-me com ele, pois é o caminho dos meus sonhos.

RESUMO

BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR

AUTORA: MICHELE ZIEGLER DE MATTOS

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a ANGELITA ALICE JAEGER

Data e Local da Defesa: Dia 30 de novembro de 2012, Santa Maria, RS, Brasil

O estudo teve como objetivo analisar as interfaces entre o bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre os meninos e entre as meninas no Ensino Fundamental em uma escola de periferia na cidade de Santa Maria-RS. A pesquisa é classificada na modalidade quali-quantitativa onde participaram do estudo 95 crianças de ambos os sexos de 4^o a 8^o série da rede Estadual de Ensino. O estudo fez uso do questionário “Violência entre Pares”, aferido para a população portuguesa no ano de 2006, e adaptado para este estudo. Além do questionário, foram realizadas 14 observações, em dias intercalados da semana (segunda-feira, quinta-feira e sexta-feira) no decorrer de um mês, sendo que cada uma delas contou com o tempo de 2h de duração e por último conversas informais com professoras e equipe diretiva da escola. Os resultados demonstraram que o Bullying se destaca, principalmente, através de agressão verbal, sendo o recreio o local determinante para que estes atos de violência se propaguem. De acordo com as vítimas, os agressores são em sua maioria do sexo masculino, mais velhos e da mesma turma e costumam agir sozinhos. Os espectadores/as, também, presenciaram as situações de bullying realizadas no recreio por agressores que agiram sozinhos. Já os agressores afirmaram agredir em sala de aula, onde as vítimas também são do sexo masculino. Desse modo o estudo revelou que os meninos apresentam-se como principais protagonistas do Bullying, seja como vítima, espectador ou agressor. Apesar disso, não se pode negligenciar a atuação das meninas, já que elas não deixam de praticá-lo, porém o fazem de maneira mais discreta e despercebida aos olhos dos outros. As situações de bullying estão entrelaçadas com as relações de gênero. Desse modo, podemos entender as representações de gênero que permeiam o cotidiano dos/as estudantes onde meninos e meninas são educados de modos diferentes e ocupam espaços diferentes na escola como consequência. Enfim, o estudo nos possibilita chamar atenção para o que é culturalmente atribuído a homens e mulheres, além de caracterizar o modo como eles e elas praticam o Bullying nas escolas.

Palavras-chave:

ABSTRACT

BULLYING AND GENDER RELATIONS PRESENT IN SCHOOL

AUTHOR: MICHELE ZIEGLER DE MATTOS

ADVISOR: ANGELITA ALICE JAEGER, PhD

Date and Venue of Presentation: November 30, 2012, Santa Maria, RS, Brazil

The study aims to analyze the interfaces between bullying and gender relations in the school context, identifying it among boys and girls of elementary school in a school on the outskirts of the city of Santa Maria-RS. The study included 95 children of both sexes from 4th to 8th grades of a state school from the outskirts of the city Santa Maria-RS. The study made use of the questionnaire named "Peer Violence", validated for the Portuguese population in 2006, and adapted for this study. In addition to the questionnaire, there were 14 observations, every other day of the week (Monday, Thursday and Friday) in the course of a month, and each one had the time of 2h duration and last conversations informally with teachers and the school management team. The results showed that bullying is distinguished mainly by verbal aggression, and that the school recess is the time when these acts of violence spread. According to victims, the perpetrators are mostly male, older and in from the same class, tending to act alone. Spectators also saw the playground aggression by aggressors who acted alone. The aggressor say that aggression takes place in the classroom, where the victims are also male. Thus, the study revealed that boys are the main protagonists of bullying either as victim, spectator or aggressor. Nevertheless, one cannot neglect the role of girls, since they do not stop doing it, but they do it more quietly and unnoticed in the eyes of others. The bullying situations are intertwined with gender relations. Thus, we can understand wich representations of gender permeate daily fron/ to students where boys and girls are educated differently and occupy different spaces in school as a result. Finally, the study enables us to draw attention to what is culturally assigned to women and men, and to characterize then and how they practice bullying in schools.

Key words:

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Palestra sobre o Bullying	26
Figura 2 – Brigas na escola	29
Figura 3 – Comparação das agressões nas 2 últimas semanas	35
Figura 4 – Vítimas de agressões nas 2 últimas semanas	36
Figura 5 – Atitudes que tiveram ao presenciar a agressão	39
Figura 6 – Quantidade das agressões de acordo com os agressores	42
Figura 7 – Quanto ao local	44
Figura 8 – Número de agressores	48
Figura 9 – Sexo dos agressores e sexo das vítimas	49
Figura 10 – Idade e turma dos agressores	50
Figura 11 – Meninos e meninas vítimas de agressões	51
Figura 12 – Quantidade de agressores/as em relação a meninos e Meninas	55

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido	68
Anexo B – Violência entre pares - um questionário	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Educação e Cultura	15
2.2 O Bullying em cena	16
2.3 Relações de gênero	20
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	24
3.1 Caracterização da Pesquisa	24
3.2 População e Amostra	24
3.3 Procedimentos e Instrumentos	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1 A escola e seu papel frente ao Bullying	28
4.2 As vítimas, os espectadores e os agressores no ato de violência	34
4.3 Local das agressões para vítimas, espectadores e agressores	43
4.4 Vítimas, os expectadores, e os agressores de Bullying em relação ao sexo	55
5 CONCLUSÃO	59
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1 INTRODUÇÃO

No processo de construção social, em uma dada cultura, homens e mulheres constroem-se mutuamente, incorporando valores, atitudes e comportamentos e, sobretudo, ideias, sentidos e percepções sobre si mesmos e o mundo. Isso porque a sociedade como um todo não só espera que meninos e meninas, homens e mulheres se comportem de maneira diferente, como também, constrói esse modelo mediante determinadas práticas. Nesse entendimento, o bebê, segundo o seu sexo biológico, já nasce sobre uma gama de expectativas de seus pais, que acabam pretendendo demarcar sua vida. Com isso a criança cresce, comportando-se ou não de acordo com padrões socioculturais, em um contexto histórico, a partir do qual é educada.

Kunz (1996 *apud* DANTAS, 2005) afirma que o fato de alguns meninos apresentarem melhor desempenho motor do que meninas, em determinadas práticas esportivas, por exemplo, pode ser justificado com base nessa construção cultural do corpo diferenciada. Os meninos desde cedo recebem uma estimulação que lhes favorece o melhor desenvolvimento das habilidades motoras amplas, o mesmo não ocorrendo com as meninas, que são estimuladas para tarefas mais delicadas.

Júnior (2003), afirma que o corpo feminino tem uma construção cultural diferente da construção do corpo masculino, resultando em uma diferenciação motora entre meninos e meninas que se constrói culturalmente e, portanto, não ocorre de maneira natural e nem é determinada exclusivamente pelos componentes biológicos. O que é corroborado nas palavras de Louro (2000), quando afirma que:

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura (p.6).

Apontamos, segundo Costa e Silva (2002, p.43), que de maneira geral, as meninas e os meninos “escolarizados” receberam educação diferenciada, conseqüência dos diferentes papéis que eram requisitados para os mesmos, ou

seja, para as meninas bastava serem boas esposas e mães, e para os meninos bastava serem bons trabalhadores para sustentar a casa.

Goellner (2010) contribui dizendo que o gênero não é algo dado, mas construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, ou seja, o corpo é generificado. Ao mesmo tempo, Sousa e Altmann (1999, p. 64) relatam que a cultura tem tanto significado que, por exemplo, a televisão, os quadrinhos, as falas e atitudes cotidianas dos adultos e dos grupos de amigos estão repletos de estereótipos de gênero, de crenças sobre o que é ser homem ou mulher em nossa cultura. Assim, percebe-se que apesar dos inúmeros avanços e transformações pelas quais a sociedade vem passando nas últimas décadas, as relações entre mulheres e homens mantêm uma grande assimetria. Essa diferença se manifesta também no interior da escola.

Grande parte das escolas, ainda separa os alunos por sexo, para as aulas de Educação Física. Dantas (2005) contribui dizendo que algumas escolas que separam os alunos por sexo para as aulas de Educação Física o fazem, muitas vezes, com o intuito de não despertar nos mesmos conflitos e dúvidas a respeito de sua sexualidade.

Nesse sentido, Louro (2010) ainda diz que a escola se faz diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas, delimitando espaços, afirmando o que cada um pode, ou não pode fazer, ela separa e institui. Isso significa dizer que ela institui o que cada um pode ou não pode fazer de acordo com os papéis normatizados para meninos e para as meninas. Além de separar os alunos por sexo, vemos muitas escolas organizando seus espaços de modo que aos meninos são destinados os espaços da quadra e as meninas são destinados outros espaços onde não presenciamos uma maioria do sexo masculino.

A orientação sexual, por exemplo, tem se destacado em nossa cultura como um marcador identitário sobre o qual incidem muitos preconceitos. Esses tipos de preconceitos fazem com que a violência seja vivenciada de forma mais intensa na sociedade contemporânea. Sabendo disso, entendemos que o corpo não deve ser apenas um objeto inscrito na categoria do jurídico, isto é, estar sempre sendo julgado como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco, magro ou gordo, feminino ou masculino, preto ou branco, sensual ou impotente, novo ou

velho, rico ou pobre e a partir daí ser discriminado, onde tais comportamentos poderão induzir a sociedade a reproduzir preconceitos e incentivar atos violentos.

Oliveira e Martins (2007, p. 95), enfatizam que a violência é fruto de diversos fatores, tais como a profunda desigualdade entre as classes sociais, a imposição de regras coletivas, a repetição dos modelos que os alunos vivenciam em seus lares, porém a violência que estamos vivenciando se apresenta de maneira mais intensa.

Segundo Sposito (2001 *apud* OLIVEIRA e MARTINS, 2007), na década de 80 eram mais comuns atos de vandalismo, a violência contra o patrimônio, com as depredações e invasões dos prédios escolares. Na década de 90, ganham destaque as agressões interpessoais, principalmente, entre os alunos. Essas agressões antes provocadas somente ao patrimônio escolar, ganham destaque na atualidade e recebem o nome de *Bullying*. São um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas como, por exemplo implicância, discriminação e agressões verbais e físicas que segundo a cartilha elaborada em 2010 pelo Conselho Nacional de Justiça de combate ao *Bullying* nas escolas, é um termo utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticado tanto por meninos, quanto por meninas.

Na reportagem publicada em uma revista de circulação nacional¹, tratando do tema comportamento, Aramis Lopes Neto², chama a atenção para o fato de que há sempre três personagens fundamentais nesse tipo de violência: o agressor, a vítima e a plateia. E para ser alvo de *Bullying*, basta sair um pouco do padrão (alto, baixo, gordo, magro) para ser provocado e ser considerado uma vítima em potencial.

A partir dessas considerações elaborei o seguinte objetivo: Analisar as interfaces entre o bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre os meninos e entre as meninas no Ensino Fundamental em uma escola de periferia na cidade de Santa Maria-RS.

1 Revista "DE QUEM EDUCA/NOVA ESCOLA que abordou o tema Comportamento em junho de 2010.

2 Arames Lopes Neto - Especialista em Bullying e autor do livro "Diga não ao Bullying". In: NETO, A.L.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não ao Bullying**. Rio de Janeiro, 2003.

Justifico o estudo a partir do entendimento de que as manifestações de gênero estão enraizadas pelas relações de poder que podem ser desiguais para homens e mulheres e que nos possibilitam discutir, por exemplo, o *Bullying* nos espaços escolares, visto que é na escola que meninos e meninas começam a contruir suas relações sociais, e a enfrentar o mundo. Na organização da escola, nota-se que faltam meios de reflexão e enfrentamento do *Bullying* e de temas pertinentes que tratam de corpo, gênero e sexualidade, mas que aos poucos está mudando. De acordo com Bandeira (2009), foi verificado um aumento no número de pesquisas abordando o *Bullying*, onde entre o ano de 2001 e 2008 foi encontrado um total de 592 publicações, contra 124 entre o ano de 1968 e 2000.

Além disso, nos últimos meses aumentou a incidência de casos de *Bullying* onde aparecem brigas entre alunos, as quais tiveram o seu início dentro da escola. Como exemplo, destaco uma reportagem³, onde um estudante de 15 anos foi agredido por um colega de turma por assumir sua orientação sexual. Atualmente, vídeos⁴ tem sido divulgados na internet, onde as imagens mostram brigas dentro de escolas provocadas tanto por meninos quanto por meninas. Nesses vídeos, podemos notar que as meninas estão assumindo-se como agressoras, o que antes não era visto com tanta frequência. O que sabemos é que o *Bullying* se caracteriza, pela repetição, pelo prejuízo causado ao outro e pela desigualdade de poder. No exemplo da agressão ocorrida em Santo Ângelo, o menino agressor foi suspenso e encaminhado a atividades pedagógicas, para que faça uma reflexão sobre a agressão que cometeu e a vítima trocou de escola. Outro caso⁵ que chamou a atenção nos últimos meses, foi o de uma menina vítima de estupro em uma sala de aula de uma escola Estadual de São Paulo, onde a vítima foi abordada por quatro colegas e pelos demais que presenciaram a violência.

³ Estudante de 15 anos de colégio gaúcho é agredido por ser gay: reportagem divulgada em 20 de março de 2012 na internet, relatando o sofrimento de um aluno após sofrer Bullying. Na agressão ocorrida em Santo Ângelo, o menino agressor foi suspenso e encaminhado a atividades pedagógicas para que faça uma reflexão sobre a agressão que cometeu e a vítima trocou de escola. Segue o link: <http://oglobo.globo.com/educacao/estudante-de-15-anos-de-colegio-gaucho-agredido-por-ser-gay-4361870>

⁴ Relação dos vídeos: [Garoto gordo sofre bully na escola e briga com o "valentão" - YouTube](#)
[Entrevista com garoto que cometeu Bullying \[zangief kid\] - YouTube](#)
http://www.youtube.com/watch?v=WYiONgr_zKs
[Estudante de 14 anos é agredida por mãe de colega em Gravataí, RS - YouTube](#)

⁵ Menina é vítima de estupro dentro de sala de aula: Acesso ao link: [G1 - 'Eu não queria isso', diz menina estuprada dentro de sala de aula - notícias em São Carlos e Região](#)

Desse modo, identifiquei a necessidade e importância da pesquisa, visto que poderá ser utilizada como um meio de reflexão sobre *Bullying* e as relações de gênero, pois muitas vezes as vítimas trocam de escola, deixando o problema da agressão para trás e a escola onde a agressão ocorreu passa a entender como um problema resolvido. Além disso, entendo que ao ter conhecimento de como se sustentam as relações de gênero, pode-se compreender se o modo como elas se configuram favorecem ao aumento de atos violentos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação e cultura

Sabemos que todos os seres humanos tem cultura, e que a cultura não é inata nas pessoas, mas é adquirida na convivência em grupo. E que qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado. Ainda algumas pesquisas demonstram que muitas atividades atribuídas as mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra, visto que também qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica (LARAIA, 2001).

Mead (1971 *apud* LARAIA, 2001), mostra que até a amamentação pode ser transferida a um marido moderno por meio da mamadeira, ou seja, o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, no qual chamamos de endoculturação o que significa dizer que, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.

Laraia (2001), a partir das contribuições de Kroeber, justifica que o conceito de cultura, mais do que herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações e soma-se a isso que a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda experiência histórica das gerações anteriores.

Ser um corpo com tantas possibilidades, é sem dúvida, uma característica que diferencia os seres humanos dos demais seres que habitam este planeta.

Louro (2000) ressalta que os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados, o que nos remete ao entendimento de que não podemos caracterizar um determinismo biológico para justificar as diferenças entre homens e mulheres.

Goellner (2008), completa que:

O corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz [...] e portanto, não são as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.,[...] o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e suas representações (p. 28).

Complementando a ideia de que os corpos são significados pela cultura, aponto que a escola é um dos locais onde essas mudanças se tornam mais suscetíveis. É na escola que meninos e meninas procuram espaços para mostrar-se diferentes dos colegas, principalmente, em relação a aparência, pelo fato de sempre procurar uma identificação com a moda atual, mesmo que isso evidencie uma avaliação ou julgamento das outras pessoas que também convivem no mesmo espaço.

Desse modo, Cunha (2009) diz que a escola precisa se configurar cada vez mais como uma instância de educação para os valores da modernidade combatendo pelos meios educativos ao seu alcance todas as formas de discriminação que podem comprometer a qualidade da formação e da educação oferecida. Assim, deve se buscar uma educação para a diversidade através do respeito as diferenças, que podem ser tanto do ponto de vista biológico, como também as diferenças construídas social e culturalmente.

Almeida (2008) contribui dizendo que cabe à educação e ao esforço pessoal de cada indivíduo na autoformação, o desafio de construir coletivamente um ideário e uma prática de sociedade pautados pelos princípios da multiplicidade, da diversidade, da inclusão e da troca mais igualitária de experiências entre professores e alunos, entre escola e comunidade, entre as esferas da política e da educação.

2.2 O Bullying em cena

O *Bullying* é um fenômeno tão antigo quanto à própria instituição denominada escola. Ela vem na atualidade se deparando com o fenômeno da violência no seu interior, transformando-se, muitas vezes, em um palco de acerto de contas de gangues rivais, de prática de *Bullying* e *Cyberbullying*⁶ do vandalismo ao seu patrimônio (PIGATTO, 2010).

Schilling (2004) afirma que a escola brasileira tem sido estudada como o lugar das grandes desigualdades, como também, uma instituição promotora da superação

⁶ Cyberbullying ou Bullying Virtual: É considerada umas das formas mais agressivas de Bullying, pois os ataques ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, internet. Além de a propagação das difamações ser praticamente instantânea o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas é imensurável. O Cyberbullying extrapola os muros da escola, já que os agressores usam do anonimato para propagar a violência de maneira mais agressiva.

destas quando procura formar e potencializar os talentos de cada cidadão. Nesse sentido, entende-se que essas desigualdades decorrem das relações existentes no espaço escolar e que podem perpassar pelas diferenças de gênero nessa instituição denominada escola.

Silva (2010) destaca que a instituição denominada escola, tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo [...] e que é composta por uma hierarquia escolar que compreende os diretores, supervisores, orientadores, professores e funcionários. Infelizmente, em grande parte das escolas, sejam elas públicas ou particulares nos deparamos com uma hierarquia que também se traduz nos estudantes, pois percebemos três classes distintas e bem marcadas: os populares, os neutros e os excluídos.

Neste cenário, destaco que todos nós, já fomos ou seremos vítimas de *Bullying* em algum momento de nossas vidas. Isso ocorre, principalmente, porque adquirindo cultura, homens e mulheres passam a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas, rompendo com a ideia do determinismo biológico.

Laraia (2001) diz que a cultura é um processo cumulativo, que limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. Isso porque somos seres essencialmente sociais, onde deparamo-nos com disputas de liderança e poder, que as vezes, é incentivada pela banalização da violência.

A cultura da violência passou a ser considerada dentro de algumas instituições como parte integrante do cotidiano escolar. Uma das manifestações da violência, presente na organização escolar e que ganha mais visibilidade nos últimos tempos é o *Bullying*. Silva (2010) destaca que a escola atual encara a violência como *Bullying*, mas ainda tem receio em identificar os alunos e alunas que são as vítimas, os agressores ou espectadores durante esse ato discriminatório, onde as pessoas são humilhadas, agredidas ou acusadas injustamente, simplesmente, pelo fato de fazerem parte de algum grupo social específico e / ou muitas vezes sem motivo aparente.

Nota-se que as práticas discriminatórias no ambiente escolar têm como principais vítimas os alunos, especialmente, negros, pobres e homossexuais [...] e de maneira geral, os principais motivadores do *Bullying* são o preconceito e a

discriminação relacionada à orientação sexual, à situação socioeconômica, ao gênero e à geração (Mazzon, 2009, p.117)⁷. Este ambiente escolar, marcado pelo preconceito, especialmente entre meninas e meninos termina por resultar em práticas discriminatórias, como humilhações, agressões e acusações injustas que afetam não somente os próprios alunos/as mas também funcionários/as e professores/as.

Apesar de existirem diversas motivações para as ameaças no ambiente escolar e que são causadoras de *Bullying*, pois tem como característica principal o fato de amedrontar alguém, elas sempre aludem a fazer com que o outro obedeça ou se adeque aos desejos daquele que assedia.

Ainda se não bastasse os meios de comunicação de massa, com destaque para a televisão e a radiodifusão, transmitem às populações o que “faz notícia”; e o que “faz notícia” são os crimes hediondos, desastres, chacinas, etc. De acordo com Morais (1995), os cidadãos e cidadãs tem hoje, o acesso a informações de todo o mundo, recebem tal carga diária de imagens e descrição de violência, que já não sabem distinguir bem o excepcional do habitual. Essa violência, antes, inatingível ao espaço escolar, nos últimos anos ganha espaço de protagonista, e passa a ser tratado como *Bullying*.

O *Bullying* é um fenômeno que ocorre em escolas públicas e privadas, e nos últimos anos começou a ter maior destaque. Esses comportamentos agressivos muitas vezes são provocados, pois para Louro (2010) a escola ainda exerce ação distintiva, por exemplo, diante dos espaços destinados para os meninos e para as meninas. Isso demonstra que as meninas deixam de participar de atividades que envolvam maior esforço físico pelo medo de que elas representem sinais de masculinidade. Assim, as meninas negam o espaço que também deveria ser destinado á elas, como no exemplo das quadras, um local predominantemente masculino.

⁷ Coordenador responsável pelo Relatório analítico final do projeto de estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), vinculada a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP).

Ainda nesse contexto, as práticas normalizadas para cada sexo, isto é, as atitudes esperadas de um menino e uma menina no espaço escolar, hoje sustentam tabus entre os gêneros, que são perpetuados, sem serem questionados, ou ao menos, problematizados e de certa maneira podem influenciar e induzir ao *Bullying* na escola. Isso porque os/as agressores/as de *Bullying* podem ser de ambos os sexos e apresentam características associadas a um perigoso poder de liderança, que aparece tanto em meninos como em meninas, e que nem sempre é legitimado pela força física e, sim, de um assédio intenso psicológico, ou seja, configura-se de maneira diferente. Percebe-se que enquanto as meninas fazem *Bullying* por meio de mexericos e intrigas, os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais. É importante destacar que, principalmente, entre os meninos, o líder do grupo de agressores, em geral, é o mais esperto, observador e frio. Na maioria das vezes, não é ele quem espanca a vítima, mas induz os meninos que necessitam de aceitação da turma a fazer o “serviço sujo”, criando um círculo vicioso que faz prosperar a violência entre os estudantes (SILVA, 2010, p.115).

Diante dessa nova e comprovada realidade, omitir-se é ser cúmplice da violência entre crianças e adolescentes no seu despertar, justamente no berço da educação e da socialização de cada ser humano. Silva (2010) ainda ressalta que o *Bullying* já não pode mais ser tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional. Atualmente, ele já é definido como um problema de saúde pública, tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo. Sobre essa questão, ela ainda diz que:

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores/as contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase natural, os/as mais fortes utilizam os/as mais frágeis como mero objeto de diversão, prazer e poder, com o intuito de humilhar e amedrontar suas vítimas [...]. O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de *Bullying* para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio (SILVA, 2010, p.21).

A autora finaliza ratificando que as formas de *Bullying* também podem contribuir não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar, e pode se expressar de maneiras variadas, por exemplo,

verbal, físico material, psicológico e moral, sexual e virtual, este último caracterizando o *Cyberbullying*.

A escola atual, deve procurar formas de combate ao *Bullying*, mesmo compreendendo que a organização escolar, negligencia, apesar de não ser de forma generalizada, debates e espaços para a problematização da violência e de temas pertinentes que tratam do corpo, gênero e sexualidade.

2.3 Relações de gênero

Para entender como o *Bullying* se perpetua nos espaços escolares, precisamos antes de tudo, entender o conceito de gênero, como as diferenças de gênero se disseminam no contexto da escola e se podem atuar com intencionalidade no incentivo ao *Bullying* escolar.

Antes de explicitar o conceito de gênero, destaco que devemos olhar os corpos de homens e mulheres não apenas pelas características biológicas, nem tampouco, que a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, seja utilizada para compreender e justificar as desigualdades presentes na sociedade e na própria instituição denominada escola. Louro (2010, p. 21) afirma que “Não são as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade”.

Para entender como se configura a relação entre meninos e meninas no contexto escolar, é necessário abordar o conceito de gênero. Para tal, destaco os estudos de Devide (2005) que interpreta o gênero como uma categoria, referente as práticas sociais construídas no cotidiano que tendem a sofrer transformações constantes, ou seja, se refere a comportamentos, atitudes e discursos que estão sempre abertos à mudança. Conforme Louro (2010):

não podemos associar o conceito de gênero, referindo-se à construção de *papeis* masculinos e femininos, que, basicamente, são padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar (p.24).

Mesmo que se admita que existam muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, não por acaso, em nossas escolas, temos assistido ao crescente interesse em favor de questões mais abrangentes no enfrentamento da violência, preconceito e discriminação, educando para a diversidade e fazendo da escola um espaço decisivo para na construção de uma consciência crítica e no desenvolvimento de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos (JUNQUEIRA, 2009). Isso decorre porque em nossa sociedade ainda tende-se a lidar com a homossexualidade de maneira superficial e preconceituosa, através de influências que recebemos e dos princípios morais distorcidos que ainda temos em relação ao sexo. Dessa forma, os segmentos sociais, costumam tratar a sexualidade como um tabu, e de forma geral, associam a homossexualidade a comportamentos transgressores e/ou promíscuos (SILVA, 2010).

Ocorre muitas vezes a negação dos homossexuais no espaço legitimado da sala de aula e que acaba por confiná-los às gozações e aos insultos dos recreios e jogos, fazendo com que, deste modo, sejam vistos como desviantes e indesejados no contexto da escola atual. Para Louro (2010) isso ocorre, porque a escola atual normaliza papéis a serem seguidos, para a formação de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais.

Está claro que, o incentivo ao *Bullying* homofóbico, nem sempre parte dos meninos e meninas de determinada escola, mas sim, das relações de poder entre os gêneros que perpassam os muros escolares. Louro (2007) afirma:

sei que a sociedade trata desigualmente esses sujeitos e valoriza diferentemente essas práticas. Sei que tudo isso é atravessado e constituído por processos de classificação, hierarquização, de atribuição de valores de legitimidade e ilegitimidade; que sujeitos são acolhidos ou desprezados conforme as posições que ocupem ou osem experimentar. Sei que tudo isso está, seguramente, embaralhado com questões de poder (p.4).

Desde os primórdios as meninas são incentivadas a brincar de boneca, assim como os meninos são incentivados a brincar de carrinho, sendo estes os papéis construídos e normalizados pela sociedade, mas que existem diferentes modos de ser masculino e feminino, que segundo Louro (2010) nos permite pensar em gênero de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Entende-se que devemos compreender os sujeitos como

tendo identidades plurais, múltiplas, identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Colaborando com essa ideia, Louro (2010), diz que é preciso perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. Utilizando também a ideia de Joan Scott sente-se a necessidade de desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, onde homens e mulheres são vistos como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão (LOURO, 2010, p.30). Fica evidente que ao se desconstruir essas dicotomias, evidencia-se que cada polo não é uno, mas plural.

Felipe e Bello (2009, p. 145) destacam que as relações entre os sexos são constituídas no âmbito de diversas culturas, possuindo características bastante diferentes nas formas de ser homem ou mulher, menino ou menina, dependendo do contexto e de seus múltiplos atravessamentos (de classe,raça, etnia, grau de instrução, etc. Além disso, Meyer (2001, p. 32) relembra que:

Nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc (...). Gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos ou segmentos sociais.

Já o processo de generificação dos corpos nos remete a reflexões, por exemplo, sobre a associação entre esporte e masculinização e nos remete ao medo que se têm de que determinadas práticas corporais operem em favor da construção de uma aparência corporal que deforma aqueles contornos desenhados para o feminino no singular. Remete, sobretudo, ao pavor a uma suposta vivência homossexual, considerada como imprópria, desviante e abjeta. Apoiando-se na heterossexualidade e na maternidade como norma, essa representação da “mulher masculinizada” faz da identidade das mulheres algo fixo, impenetrável, que traz em si formas rígidas de ser e de vivenciar experiências, associando sexualidade à reprodução. Esse modelo, ao ser assumido como dominante, não só restringe suas opções quanto ao exercício pleno e maduro da sua sexualidade como também a naturaliza, visto que a aprisiona aos aspectos biológicos do corpo (GOELLNER, 2006, p.8).

A escola tende a naturalizar a heterossexualidade como normal, e todas as outras formas de exercer a sexualidade seriam desviantes do padrão, considerando então, que a homossexualidade não exista. A separação de meninos e meninas é, então, muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudo ou que propõem competições separando meninos das meninas, favorecendo o agrupamento das crianças por sexo e provocam, por exemplo, insultos e agressões físicas ou verbais, sem motivação específica.

Enfim, temos que compreender que esse modelo é resultado de uma construção social, no qual meninas e meninos vão tomando rumos diferentes. É necessário que a escola tenha um projeto político pedagógico que não atenda as diferenças individuais nem tampouco promova o sexismo, deve se ter um trabalho pedagógico, com uma visão democrática, admitindo as diferenças como um elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem. É preciso considerar que no universo escolar, existe uma pluralidade cultural, que deve ser respeitada para a formação de homem integral, de um sujeito crítico e histórico.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa é classificada na modalidade quali-quantitativa, ou seja, ela mistura o aspecto qualitativo e o quantitativo a fim de abordar o tema violência, que na sociedade contemporânea não é considerado um tema novo, mas sim um tema que ganhou maior visibilidade nos últimos anos. Ensslin e Vianna (2008) contemplam que a abordagem quali-quantitativa não é oposta ou contraditória em relação à pesquisa quantitativa, ou a pesquisa qualitativa, mas de necessária predominância ao se considerar a relação dinâmica entre o mundo real, os sujeitos e a pesquisa. De acordo com essa ideia, Minayo e Sanches(1993), destacam que o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

3.2 População e amostra

A população caracteriza-se por crianças de ambos os sexos, das turmas de 4º a 8º série, ou seja, estudantes do Ensino Fundamental em uma escola da rede Estadual na cidade de Santa Maria - RS. Através de consulta à equipe diretiva da escola, chegou-se ao número de 112 crianças e adolescentes matriculadas no turno da manhã, ou seja, de 4º a 8º série do Ensino Fundamental no ano de 2011, sendo que 95 crianças tiveram a permissão dos seus pais e /ou responsáveis para participarem do estudo, quando consentiram assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A)⁸. Dessas 49 são meninas e 46 são meninos, com idades que variam entre 10 e 16 anos. A maioria dos/as alunos/as se encontra em situação sócio econômica baixa, vivem próximos à escola, em uma área chamada por eles de “invasão”. Grande parte dos/as estudantes deslocam-se de suas casas até a escola caminhando e muitos vivem em situações precárias de moradia. Ainda

⁸ Esse termo foi assinado pelos pais ou responsáveis permitindo que os estudantes participassem da investigação e buscando esclarecer a presença de uma observadora nas dependências físicas da escola.

se destacou o número de crianças que vivem somente com o pai ou somente com a mãe. Poucas crianças vivem com pai e mãe morando juntos. Além disso a maioria os pais desses alunos/as apresentaram pouco grau de instrução, sendo que muitos deles não apresentam o Ensino Médio Completo.

3.3 Instrumentos e Procedimentos

Inicialmente foi efetuado o contato com a escola e com a equipe diretiva e formalmente solicitei a permissão para realizar a pesquisa nas dependências da mesma. Nesse primeiro contato, expliquei a importância do tema e que instrumentos seriam utilizados para abordar a temática do *Bullying* relacionado as questões de gênero.

Como instrumentos para a coleta de dados, procurei através da observação reconhecer os diferentes espaços da escola, buscando olhar atentamente o contexto do recreio escolar, visto ser esse o momento em que todas as crianças e adolescentes da escola tem a oportunidade de se encontrar. Foram realizadas 14 observações, em dias intercalados da semana (segunda-feira, quinta-feira e sexta-feira) no decorrer de um mês, sendo que cada uma delas contou com o tempo de 2h de duração. Nesses momentos notei que o espaço disponível para o recreio escolar é amplo e arejado, onde as crianças usufruem de um espaço aberto próximos as salas e aula e o saguão que é fechado no centro do pátio escolar. Durante as observações, circulei entre o ambiente fechado e o aberto, verificando que a escola oferece boas condições físico e material, além de ter uma cantina para oferecer merenda aos alunos/as.

Chamou a atenção o fato de que existe um funcionário que cuida do recreio, porém acreditamos que sozinho ele não consiga dar conta de supervisionar o ambiente aberto e o fechado ao mesmo tempo. Além disso, durante as observações, conversei com alguns alunos e alunas, sobre algo que eles achavam interessante destacar do recreio. Essas observações e conversas com alunos/as, foram registradas em diário de campo para possibilitar uma análise mais detalhada das ações que aconteceram nos espaços da escola. Em um segundo momento, continuando a coleta de dados, conversei informalmente com os/as professores/as e

a equipe diretiva da escola. Essa conversa informal também foi registrada em diário de campo.

Antes de aplicar o questionário, ministrei uma palestra referente ao Bullying, na tentativa de perceber qual o entendimento que os alunos e alunas tinham sobre a violência presenciada na escola, e se eles se reconheciam como vítimas, agressores ou expectadores. A mesma teve o intuito de verificar se os alunos/as teriam possibilidade de responder ao questionário, já que se trata de turmas do Ensino Fundamental, de 4ª a 8ª. Foi oferecida a todas as turmas do turno da manhã no saguão da escola e teve seu início antes do recreio.



Figura 1 - Palestra sobre o Bullying

Após a palestra os alunos/as retornaram as suas respectivas salas para que começassem a responder o questionário. Neste terceiro momento, os/as alunos/as das séries alvo da pesquisa responderam ao questionário que consta do Anexo B, o qual foi aferido ao contexto educacional português no ano de 2006, sendo portanto, adaptado para este estudo. O questionário foi utilizado como instrumento para verificar as diversas manifestações de violência que estão presentes no dia a dia da escola. Foi aplicado em sala de aula, iniciando nas turmas de 8º serie de maneira decrescente. Os alunos/as menores foram deixados para o final já que necessitavam de uma leitura mais detalhada das questões. A professora responsável da turma permaneceu presente durante toda a aplicação, que durou em torno de 2 horas e

meia para todas as turmas. Além disso, 4º e 5º série levaram em torno de 40 minutos, enquanto que 6º, 7º e 8º série levaram de 25 a 30 minutos para respondê-lo. Segundo Cervo e Bervian (2002, p.48), “o questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja”. Dessa forma, justificou a realização do questionário.

Esse instrumento de coleta, permitiu caracterizar os alunos/as que são agressores, aqueles/as que são vítimas e os espectadores/as que presenciam as situações de *Bullying* nas dependências da escola. Foi possível ainda, verificar os espaços onde essas agressões ocorrem e quem interfere e se interferem, seja positiva ou negativamente nas situações onde o *Bullying* é confirmado, sendo estes os professores/as, funcionários/as e colegas de aula. E por fim, destaca como os alunos reconhecem e interpretam a violência na escola, ou seja, se conhecem a expressão “*Bullying*”.

Para tanto, as técnicas de coleta se justificam em função da triangulação dos dados, onde (Cohen e Manion 1990 *apud* Neto 2010) definem triangulação como o uso de várias técnicas de coletas de dados, que proporciona uma visão ampla da complexidade do estudo, além de ajudar a superar o problema da limitação do método. Menciona Stake (2011, p. 138), que “os pesquisadores triangulam suas evidências. Em outras palavras, para chegar ao significados corretos, para ter mais confiança de que a evidência é forte, eles desenvolvem diversas práticas chamadas de triangulação”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados foi realizada através de uma análise percentual, ou seja das porcentagens verificadas em cada questão do questionário. Além disso é preciso mencionar que as questões foram analisadas uma a uma e independentes umas das outras. Também utilizo nas discussões e análises fragmentos colhidos nas observações e conversas informais. Nos gráficos abaixo, apresento os dados do questionário, discutindo-os a partir do referencial teórico e também das observações e conversas informais realizadas na escola.

Os resultados serão apresentados de maneira a evidenciar como o *Bullying* acontece para as vítimas, para os espectadores e para os agressores respectivamente. Ao final dessa análise, menciono como essas práticas do *Bullying* se intensificam de acordo com o sexo, destacando como ocorre para as meninas e como ocorre para os meninos.

4.1 A escola e seu papel frente ao Bullying

O *Bullying* não é um fenômeno exclusivo de países mais pobres ou de escolas mais carentes. Se tornou um problema mundial e atualmente as escolas estão preocupadas em reduzir o comportamento violento de jovens do mundo todo. Apesar de a maioria das escolas dar condições para que as agressões não se perpetuem como, por exemplo, qualificando a formação de professores, aproximando a escola com a comunidade, introduzindo acompanhamento psicológico para atender diretamente alunos e alunas, as agressões acontecem pois estão presentes na rotina escolar. Com os resultados obtidos nesse estudo, foi possível verificar que uma grande parcela de alunos/as, considera a escola um espaço agradável, ou seja, 79% confirmaram que a escola é um ambiente seguro, organizado e bom para conviver com os amigos, 9% confirmaram que o ambiente escolar poderia ser um ambiente com menor incidência de brigas e 12% não souberam explicar o que acham do ambiente escolar. Ao demonstrar a análise em relação ao sexo, as meninas representaram a maioria quando disseram que as brigas poderiam diminuir, ou seja, 6%. Já os meninos representaram 3% dos que

queriam que as brigas diminuíssem dentro da escola como apresentado na Figura 2, a seguir:

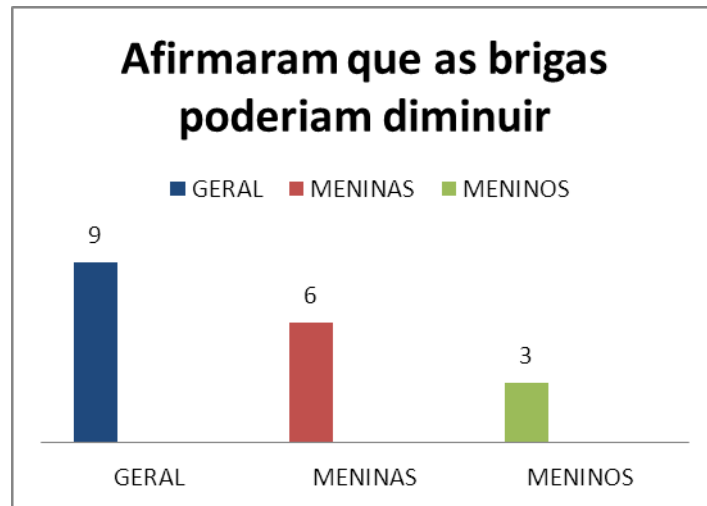


Figura 2 – Brigas na escola

Em relação as impressões que tive da escola, percebi que as dificuldades em mante-la como uma escola disciplinada são muito evidentes. Melo (2007) ainda destaca que todo comportamento que visa o não cumprimento da regra, define-se por indisciplina. O autor ainda menciona que para manter a disciplina não é necessário autoritarismo, nem imposição de regras arbitrárias. Isso ao invés de solucionar problemas pode gerar mais violência. Carvalho (2005) diz que:

A INDISCIPLINA inclui todos os atos que ferem as regras de bom funcionamento da escola e das aulas: as práticas de agressão física e verbal entre colegas, que caracterizam o “bullying”; todas as formas de desrespeito e agressão verbal aos professores e outros educadores da escola; ações contra o patrimônio, como pichações, quebra de carteiras e materiais; recusa a participar das atividades escolares, conversas, barulho ou deslocamentos indevidos durante as aulas; e muitos outros atos (p.44).

Em contraponto, apesar das dificuldades e das falas dos/as estudantes, ela se mantém organizada e isso significa dizer que a escola é um ambiente acolhedor, agradável e bonito, além de apresentar-se como um local seguro, com o intuito de incentivar o/a aluno/a a buscar uma aprendizagem de qualidade. Quanto a organização escolar Libaneo (2001) manifesta que:

Basicamente, é como um sistema que agrega pessoas, importando bastante a intencionalidade e as interações sociais que acontecem entre elas, o contexto sócio-político etc. A organização escolar não seria uma coisa totalmente objetiva e funcional, um elemento neutro a ser observado, mas uma construção social levada a efeito pelos professores, alunos, pais e integrantes da comunidade próxima (p.1).

Além disso, sobre essa questão da organização escolar, conversei com a diretora do turno da manhã, para relatar o ponto de vista dela. Ela mencionou que já esperava que os alunos e alunas afirmassem isso, porque do ponto de vista dela a escola é organizada na disponibilização de seus espaços, na relação entre professor e aluno e, também, porque tenta manter uma boa relação com as pessoas responsáveis pelos alunos/as, que se verifica no contato com eles e elas através de reuniões, feitas por turma para tratar, principalmente, de comportamento. Sobre a questão do comportamento ou mau comportamento Melo (2007), contribui dizendo que é diferente para meninas e meninos e que o mau comportamento pode se destacar principalmente no recreio. Um dos motivos para tal ocorrência é porque os meninos preferem os espaços das quadras enquanto que as meninas preferem outras atividades, porém quando eles e elas necessitam do mesmo espaço, começam a surgir problemas e também o mau comportamento de alguns meninos/meninas frente aos colegas. Assim o mau comportamento tende a produzir indisciplina.

Novamente sobre a questão do comportamento na escola, em umas das minhas observações, verifiquei que as crianças utilizam instrumentos, como vassouras, tampas de lixeiras, bolinhas de papel retiradas do lixo que servem para manter a escola limpa, em suas brincadeiras, como no exemplo do pega pega onde presenciei que os alunos nos corredores da escola, utilizam vassouras de palha, e lixeiras para criar um outro perfil de brincadeiras durante o recreio. Lembro que o recreio é um espaço de socialização das crianças e a escola consegue oferecer aos seus alunos e alunas um bom espaço físico e material, visto que durante o recreio os alunos e alunas tem a oportunidade de brincar com bolas, cordas, etc, porém nem sempre as utilizam. Além disso a escola disponibiliza uma quadra aberta, um saguão amplo, um corredor para a prática de atletismo, pracinha, etc. Mesmo com essas oportunidades de espaço presenciei as crianças correndo uma atrás das outras, com tampa de lixo e cabo de vassoura e logo pensei: Será que esses alunos

estão correndo atrás dos outros para agredi-los ou por pura diversão? Será que para a realidade da escola, isto é visto como uma situação normal ou de risco para os colegas? No meu entendimento as crianças não percebem o risco que correm quando utilizam esses instrumentos para brincar e isso se confirma pois eles/elas só param de brincar com esses instrumentos quando um adulto se aproxima para lhes chamar a atenção. Para as crianças não existe perigo nessas situações. Durante as observações confesso que fiquei assustada quando me deparei com essas brincadeiras no primeiro dia de observação, mas nos dias seguintes considerei normal, já que para as crianças isso não representa perigo.

Em conversa com a diretora e a coordenadora pedagógica percebi em alguns momentos contradição quanto ao fato de já terem diagnóstico de *Bullying* nos espaços da escola. Enquanto a coordenadora relatou que acha necessário o enfrentamento do tema nas turmas, pois diz ela que procede alguns casos que foram confirmados pela escola, a diretora tenta consolar, mencionando que até o momento, a escola teve conhecimento de apenas um caso, que ela considera uma situação isolada de *Bullying*. Como argumenta Abramovay (2005), isso é consequência da banalização da violência, e que nos possibilita afirmar que a violência é algo corriqueiro nos espaços escolares, principalmente porque a escola abordava o assunto como algo natural e isso só começou a mudar a partir do diálogo entre professores com seus alunos e alunas.

De acordo com os relatos de alguns alunos/as, eles/as admitem que a violência é motivo de destaque e os debates de professores/as em relação ao tema são quase que diários. Nas observações, nota-se um ambiente propenso a conflitos, pois em alguns momentos percebi que os alunos/as tendem a querer falar em tom mais alto que as professoras, onde diversas vezes respondem de modo agressivo, durante o recreio nota-se ainda que eles/elas não se intimidam com a presença de adultos e discutem com outros colegas na frente dos/as professores/as, se xingam, se chutam sem demonstrar medo das consequências que essas ações podem provocar. Mesmo assim, a abordagem do tema *Bullying* pelos/as professores/as aos seus alunos/as de forma incisiva confirmam, segundo relato das próprias professoras, que as brigas na escola estão diminuindo, indicando que o diálogo é o melhor meio de enfrentamento do *Bullying*. Sobre essa questão, Andrade (2007)

evidencia que o diálogo, a criação de pactos, o apoio e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas.

Mesmo sabendo que o diálogo tem sido o melhor maneira de conter o Bullying, Abramovay (2005, pag.4), faz um recorte da violência nos estabelecimentos de ensino afirmando que:

A violência não é vivenciada apenas como atos de agressividade, e sim como o modo habitual e cotidiano de relacionamento, de tratamento do outro. Desta forma, o fenômeno passa a ser institucionalizado, comum, banalizado, caracterizando formas de agressão que, muitas vezes, são invisíveis aos olhos da comunidade escolar, mas que, apesar disso, podem ferir profundamente aquele que é vitimado, contribuindo para o surgimento de um sentimento de insegurança e impotência no ambiente escolar.

Pensando nas falas contraditórias entre diretora e coordenadora pedagógica, onde uma afirmava que existiram alguns casos de *Bullying* e a outra afirmava que era apenas um caso isolado, entendo que a escola é a instituição onde emergem diferentes discursos, é onde todos fazem uso de um mesmo espaço, porém o utilizam de maneira diferentes atravessados por questões sociais, culturais e históricas. Isso significa que cada um utiliza o espaço, inserindo naquele lugar, uma cultura própria, a partir de suas vivências e determinadas por diferentes grupos com particularidades específicas. Como mencionei acima, as crianças utilizaram como instrumentos para as brincadeiras, materiais de limpeza, como vassouras, latas de lixo, entre outros. Talvez isso se justifique pelo fato de que são esses instrumentos que são disponibilizados em suas casas, onde eles e elas criam as suas próprias brincadeiras, constroem na e a partir de suas próprias vivências e do local que estão inseridos/as. Além disso Louro (2010) lembra que na escola os meninos tem a tendência de invadir os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras, e isso pode ser o início de uma situação de conflito. Pereira e Mourão (2005) concordam com isso quando afirmam que a escola no seu cotidiano produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino. E isso de fato acontece porque percebi que meninos e meninas até podem brincar no mesmo espaço, porém de maneiras diferentes, ou seja, as meninas dificilmente foram vistas com uma bola

de futebol, mesmo demonstrando interesse no jogo. Da mesma forma os meninos que não demonstraram interesse no voleibol, já que culturalmente ele é um esporte destinado as meninas e isso poderia ser motivo de piadas frente aos outros meninos. Goellner (2005) sobre a generificação dos corpos no esporte afirma que a mulher era identificada como de natureza frágil, sendo que a prática competitiva poderia representar a masculinização da mulher. Nessa direção as autoras acrescentam que é a sociedade quem cria padrões de feminilidade e masculinidade que são considerados normais ou desviantes. Assim as meninas vão para o recreio buscando o mínimo de interação com os meninos. As mais novas, geralmente, procuram outras brincadeiras como pular corda enquanto que as meninas mais velhas procuram se reunir em rodas de conversa.

Entende-se desse modo, que toda escola está suscetível a conflitos, que se constitui de diferentes pontos de vista, de diferentes modos de pensar, de diferentes modos de abordar a realidade e que evidentemente influenciam no contexto de violência escolar. Assim se faz necessário abordá-los. Facco (2009) chegou a conclusão de que a instituição escolar representa um microuniverso social que se caracteriza pela diversidade social e cultural e, por muitas vezes, reproduz padrões de conduta que permeiam as relações sociais fora da escola. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro, na escola, refletem as práticas sociais mais amplas. Isso nos dá aporte para caracterizar que, por exemplo, se morarmos em um bairro onde a violência é muito evidente, provavelmente a escola desta região sofrerá os efeitos da prática desses atos violentos. Ainda mais quando nesses locais predominam estudantes com condições econômicas desfavoráveis, com laços familiares frágeis e que vivenciam a violência dentro de seus lares.

Ainda Louro (2010) sublinha que os sujeitos vão construindo suas indentidades escolarizadas. Assim gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninas e meninos, tornam-se parte de seus corpos. Desse modo, a escola ainda continua imprimindo sua marca distintiva sobre os sujeitos. Lopes Neto (2005) ressalta que infelizmente, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo, diferentemente do

dado apresentado nesse estudo, onde se confirmou que mais da metade dos alunos/as entendem o espaço escolar como seguro e organizado.

4.2 As vítimas, os espectadores e os agressores no ato de violência

No decorrer da discussão serão feitos apontamentos sobre o tipo de agressões que mais se manifestaram e a conseqüência com que ocorrem, relatando o comportamento na perspectiva das vítimas, dos espectadores e dos agressores. Após essa análise serão feitos os mesmos apontamentos comparando meninos e meninas.

Conforme Fante (2003, 2005 *apud* Francisco & Libório 2009), as pessoas vitimizadas, geralmente sofrem as conseqüências do *Bullying* e, na maioria das vezes, são descritas como pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa autoestima, quietas e que não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Silva (2010) relata que os espectadores são aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas. Já em relação aos agressores, a mesma autora diz que eles apresentam desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados.

Através da palestra realizada antes da aplicação do questionário, percebeu-se uma resposta imediata de que meninas e meninos tem conhecimento da violência, mas o termo *Bullying* ainda é desconhecido. Em conversas com a equipe diretiva, revelou-se que apesar de ser recente a abordagem da violência através da terminologia *Bullying*, a tendência é que se torne mais conseqüente na rotina dos estudantes. Isso decorre porque a escola passou a entender a violência como um fenômeno globalizado, e pelo fato de que é um ambiente propício à socialização. O que sabemos é que as escolas atuais passam por um processo de formação de subculturas, onde jovens adquirem formas de agir ou pensar muito características. Diante desse processo, Corti (2005) caracteriza a escola como um espaço onde se presencia o conflito de gerações, onde se desconsidera a cultura juvenil, pela falta de abertura ao diálogo, pela baixa expectativa em relação aos jovens e a seu futuro e pelo questionamento da autoridade do adulto.

Louro (2010) acrescenta que o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados, portanto não são concebidos do mesmo modo por todas as pessoas. E ainda que no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas.

Inicialmente apresento como é o contexto cultural em que essas crianças estão inseridas, por se entender que a escola representa um recorte da sociedade. Selecionei a escola para o estudo e as crianças e adolescentes receberam o convite para participar do mesmo, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Pelo fato de que as crianças moram próximas à escola e é uma área considerada irregular, chamada de Invasão acredita-se que essa população encontra-se em uma situação mais vulnerável em relação à violência. Quando presenciamos alunos/as que se agredem, seja verbalmente ou fisicamente, estamos observando uma sociedade que se transformou em uma sociedade violenta. Isso demonstra que a violência se reflete na realidade escolar através da atuação de alguns protagonistas. Na Figura 3 apresento uma comparação entre as situações de *Bullying* que despontaram na escola nas duas últimas semanas para cada um deles.

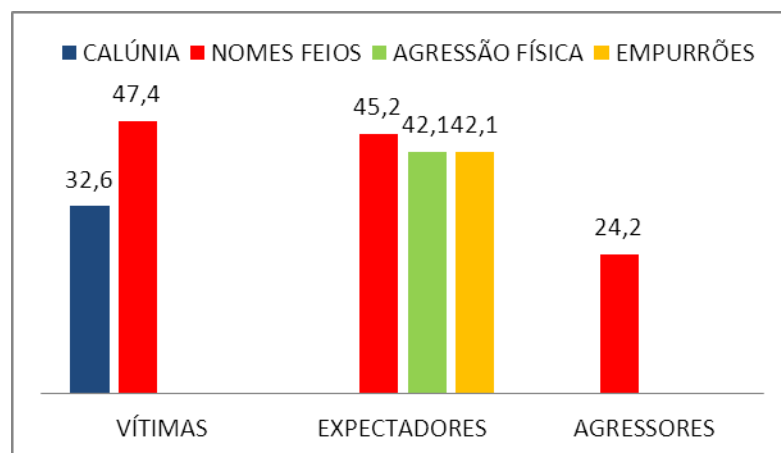


Figura 3 – Comparação das agressões nas 2 últimas semanas

Conforme o questionário, todos os meninos, ou seja um total de 46 e todas as meninas, ou seja, um total de 49 que o responderam, mencionaram serem vítimas de agressões nas últimas 2 semanas, o que caracteriza *Bullying*, visto que os atos de violência ocorrem de maneira intencional e repetitiva, porém, sem motivo aparente.

Deste modo, foram confirmadas diferentes formas de *Bullying*, no qual destacou-se a agressão verbal, onde 47,4% das vítimas foram *chamadas por nomes feios*. De fato, esse dado pode ser justificado, pois de acordo com Santos (2007) os alunos/as que são mais visados para serem vítimas são aqueles/as que possuem alguma diferença em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldades de aprendizagem. Esse tipo de agressão traz conseqüências para as vítimas e a respeito disso Fante (2005, p. 44) comenta que “as conseqüências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar”.

Para detalhar essas impressões, veremos na Figura 4 o que falam as vítimas de agressões ocorridas nas duas últimas semanas a respeito das especificidades dessas situações.

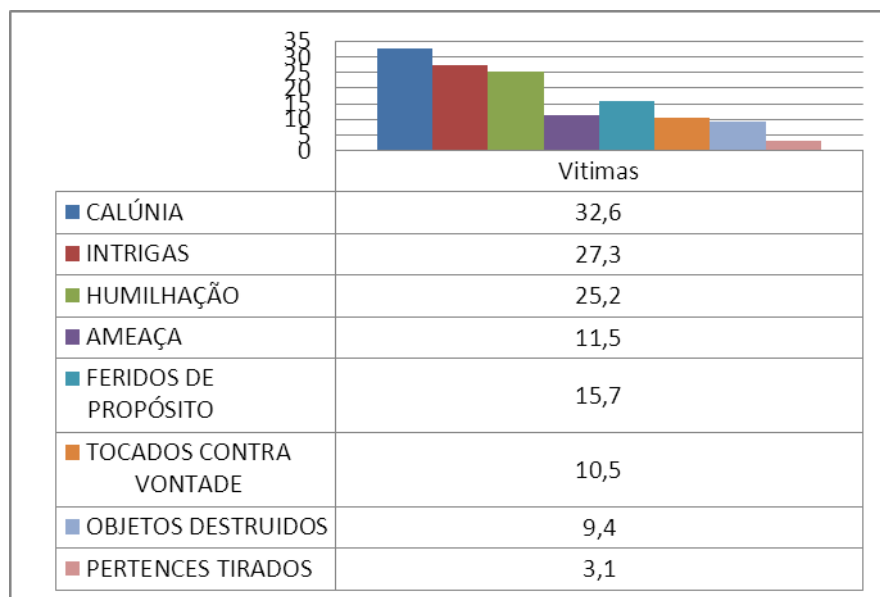


Figura 4 - Vítimas de agressões nas 2 últimas semanas

Através de um estudo que tinha como objetivo pesquisar a ocorrência de *Bullying* em adolescentes de três escolas, públicas e privadas de Porto Alegre, realizado por Bandeira (2009) diagnosticou-se que o tipo de *Bullying* mais utilizado contra as vítimas, segundo relato destas, foi o tipo verbal, com 61,1%, com a utilização de apelidos, insultos ou deboches. Colocar apelidos maldosos e nomes

feios são consequências da prática do *Bullying*. Como apresentei nas figuras 3 e 4, em nossa pesquisa, a agressão verbal também teve destaque, sendo que 32,6% foram vítimas de calúnia; 27,3% foram vítimas de intriga; seguindo-se a agressão psicológica onde 25,2% foram vítimas de humilhação; 11,5% sofreram algum tipo de ameaça e por último a agressão física e material onde 15,7% dos sujeitos foram feridos de propósito; 10,5% foram tocados contra vontade; 9,4% tiveram seus objetos destruídos e por fim 3,1% que tiveram seus pertences tirados. Ao comparar meninos e meninas, foi diagnosticado que prevaleceu as manifestações de agressões verbais, totalizando 51,02% para as meninas que foram chamadas por nomes feios contra 41,3% dos meninos que também foram agredidos com nomes feios.

Durante as observações verifiquei que os apelidos estão presentes em quase todas as brincadeiras, principalmente entre os meninos. Além disso, o que me chamou a atenção é que para os meninos os apelidos não são em tom de brincadeira e em grande parte representam apelidos ofensivos. Cito alguns exemplos como “bicha, gay, fracote”, e ainda comentários como: “mas é uma menina mesmo”. Este último comentário foi presenciado em mais de uma observação, quando alguns meninos deixavam de participar de brincadeiras somente com meninos e ficavam conversando com as meninas. Pereira e Mourão (2005) ressaltam que desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um tratamento diferenciado que lhes ensina os comportamentos e emoções adequados e aprovados socialmente ao seu sexo. Quando o comportamento parece inadequado em relação ao sexo, começam as piadas e as gozações sobre a sexualidade, e os apelidos ofensivos são os primeiros a se destacar.

Ao serem questionados se os agressores eram da escola, as vítimas apontaram que 60% dos agressores são os colegas da escola, o restante das vítimas afirmaram que o agressor era de fora da escola ou ainda que não sabiam identificar o agressor. Quando perguntou-se com que frequência essas situações de violência aconteciam 11,5% foram vítimas de agressões no mínimo 2 vezes na semana, 2,1% disseram que a agressão se repetiu por 3 vezes na semana e 2,1% mais de 3 vezes. Desses 15,7% que disseram serem vítimas de agressões mais de uma vez na semana, 8,4% afirmaram que ainda continuam a serem agredidos,

todavia 84,3% das vítimas responderam que as agressões não se repetiram, ou seja, não se repetem semanalmente, sendo portanto episódicas. De acordo com uma pesquisa realizada em 2009 pela Plan International⁹ relatando o *Bullying* no ambiente escolar, verificou-se que quanto mais frequentes os atos repetitivos contra um aluno/a, mais longo é o período de duração dessa manifestação da violência, sendo que essa repetição nas agressões reforça a iniciativa dos agressores e reduz as possibilidades de defesa das vítimas. Em relação aos 84% que disseram que as situações não se repetiram, Fante (2006 *apud* ANDRADE 2007) entende que o *Bullying* não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças, é um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para os outros. Para os/as estudantes que disseram que não se repetiram, talvez seja porque eles/as não conseguem avaliar a intensidade e o significado das atitudes agressivas que praticam, não o considerando como *Bullying*.

As vítimas (57,8%) ainda confirmaram ter alguém que presenciou o ato de violência, porém 52,7% não fizeram nada ao presenciar o fato. Esses dados podem ser relacionados com as falas dos espectadores onde 45,2% disseram que também já presenciaram alguém ser agredido através de nomes feios, seguido de 42,1% que presenciaram vítimas de empurrões, 42,1% presenciaram agressão física (bater), sendo estas as agressões mais citadas pelos sujeitos, como relatei no Figura 3. Ao analisar o gráfico percebemos que os espectadores observaram mais do que as vítimas e agressores relataram. Grossi e Santos (2009) afirmam que isso acontece porque esses espectadores representam grande maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”.

A Figura 5, representa o olhar dos alunos/as que presenciaram o ato violento na escola.

⁹ Plan International: Organização não governamental ativa a mais de 70 anos, e que elaborou uma Campanha Global para acabar com a violência nas escolas, “Aprender sem medo”. Voltada para os direitos da Infância. Link para acesso:
http://www.plan.org.br/publicacoes/download/cartilha_enfrentamento_bullying.pdf

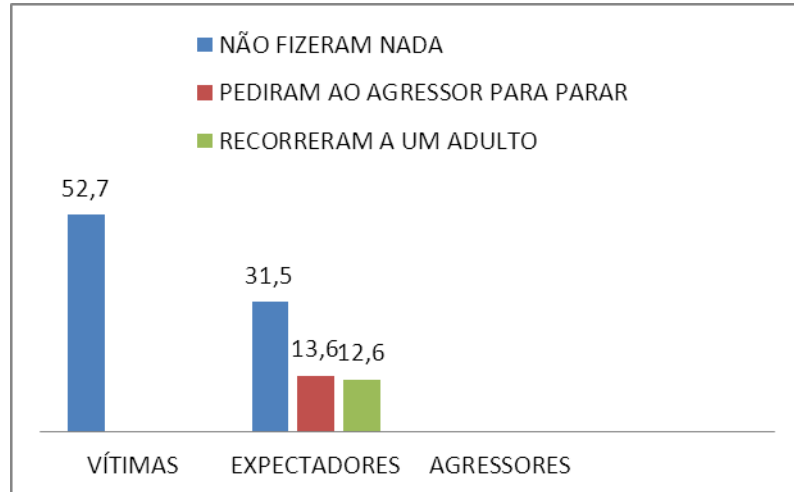


Figura 5 - Atitudes que tiveram ao presenciar a agressão

Quando questionados sobre a atitude que tomou ao verificar que outros estavam sendo agredidos, 31,5% dos/as estudantes confirmaram que não fizeram nada, apenas 13,6% pediram ao agressor para parar e somente 12,6% recorreram a um adulto. Os outros 42,3% representam os estudantes que disseram rir da situação, ou que pediram para as vítimas para se afastar do agressor, que fugiram ou tiveram medo de serem agredidos e ainda aqueles que não responderam. Podemos neste caso perceber, que mesmo tendo se confirmado que 31,5 % dos espectadores não fizeram nada, verificamos que existe uma parcela de espectadores que ao ver o agressor/a agindo, pede ao agressor/a para parar ou recorre ao adulto mais próximo, onde se soma 26, 2%. Isso denota que ainda os espectadores tem dificuldade em como proceder quando presenciam alguém sendo agredido, pois além dos 31,5% dos espectadores que não fizeram nada, dos 42,3% alguns tiveram medo e fugiram colaborando com a passividade dos espectadores. Como relata Silva (2010), isso acontece pelo fato de que em geral, os espectadores passivos assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima.

Já em relação aos que não fizeram nada, denota que estes sim estão habituados ao individualismo. Cavalcante (2004) aponta que o individualismo, por sua vez, se trata da existência individual, do sentimento ou conduta egocêntrica e que se diferencia da individualidade já que essa, serve para caracterizar o que constitui o indivíduo, o caráter especial ou particularidade que distingue uma pessoa

ou coisa, e que pode significar no sentido figurado, personalidade. A autora ainda menciona que o individualismo é característico da sociedade atual, pois há cada vez mais cultivo dos anseios e da realização de projetos de vida individuais, e para que se realizem esses projetos é necessário se individualizar. A vida cada vez mais ativa se dedica à satisfação pessoal, ou, no máximo, daqueles com quem se convive ou se mantém laços mais estreitos. Com tudo isso, entendo que o ponto negativo é que ainda faltam ações efetivas de combate ao *Bullying* ou a qualquer tipo de preconceito dentro das escolas advindas do modelo de gestão deficitário que elas apresentam. Nem todas as escolas conseguem elaborar um programa¹⁰ Anti-*Bullying* para combater esse fenômeno. Um exemplo de escola que conseguiu implementar e desenvolver esse tipo de programa foi na escola Municipal Luiz Jacob, na cidade de São José do Rio Preto. Os resultados da aplicação do mesmo demonstraram que as situações de *Bullying* diminuíram. Na primeira fase de implantação do programa, identificou-se que 67% dos alunos estavam envolvidos em bullying. Desses, 26% eram vítimas, 22% eram agressores e 19% eram vítimas agressoras. Após um semestre de execução das estratégias psicopedagógicas antibullying, os resultados caíram para 10% de envolvimento. No final de dois anos, havia apenas um resíduo de 4% de *Bullying*.

Em relação aos agressores/as, quando questionados se já tiveram alguns destes comportamentos de empurrar, ameaçar, humilhar, bater, chamar por nomes feios, levantar calúnias a respeito de alguém, excluir alguém do grupo, os sujeitos afirmaram ter predominado o ato de ofender alguém com nomes feios com 24,2%. Ainda é muito difícil se reconhecer como agressor em um ato de violência, ou admitir já ter agredido alguém. Isso ocorre porque alguns agressores/as não consideram o ato como agressão e sim como uma brincadeira. Braga e Lisboa (2010) enfatizam que quando há sofrimento, não se trata mais de uma brincadeira entre amigos. Campos e Jorge (2010) alertam para o fato de que o resultado para quem sofre com o *Bullying* é um sentimento de inferioridade diante dos demais colegas, muito diferente da sensação de prazer possibilitada pela brincadeira. No caso de ofender alguém com nomes feios, de acordo com o relato das crianças que participavam do

¹⁰ O programa “Educar para a paz”, foi implantado pioneiramente pela professora Cleo Fante no interior paulista no período de junho de 2002 a junho de 2004.
Link para acesso ao site: [Programa Anti-Bullying - Educar para a Paz](#)

recreio, alguns alunos/as consideram isso normal na rotina escolar, porém não podemos afirmar com exatidão, pois ao se comparar a fala das meninas e dos meninos, verificou-se que quem considera isso uma prática normalizada são os meninos. Isso representa que para a escola é mais aceitável que os meninos tenham uma tendência maior em romper com as regras do que as meninas, já que eles devem ser fortes e ágeis. Atitudes mais agressivas não são aceitáveis para as meninas, já que elas devem ser sempre delicadas e frágeis perante as práticas normalizadas para cada sexo. Pereira e Mourão (2005) afirmam que a história tem mostrado que o sexo serviu de suporte para a organização social e para a construção de valores. Assim, as desigualdades de gênero se acentuam porque se espera comportamentos diferentes entre meninos e meninas. Para os pais, por exemplo, é natural que os meninos considerem normal falar nomes feios, pois isso não representa o perfil de meninas delicadas. Cruz e Palmeira (2009) entendem que:

Os papéis sexuais diferenciados para homens e mulheres, induz à estereotipia sexual, ou seja, induz a entendermos que para cada sexo existem comportamentos pré determinados, e isso termina refletindo principalmente quando a criança chega à escola (p.5).

A maioria dos sujeitos ainda afirmaram que ao menos uma vez, tiveram um desses tipos de comportamentos, de empurrar, ameaçar, humilhar, bater, chamar por nomes feios, levantar calúnias a respeito de alguém, excluir alguém do grupo, sendo estes 49,4%, seguidos de 9,4% que disseram que se repetiram ao menos duas vezes, enquanto que 3,1% disseram ter se repetido por 3 vezes, e 6,3% disseram se repetir por mais de 3 vezes, como verificado na Figura 6, a seguir. Ainda 22,1% afirmaram não agredir alguém nos espaços da escola, e 9,7% não responderam.

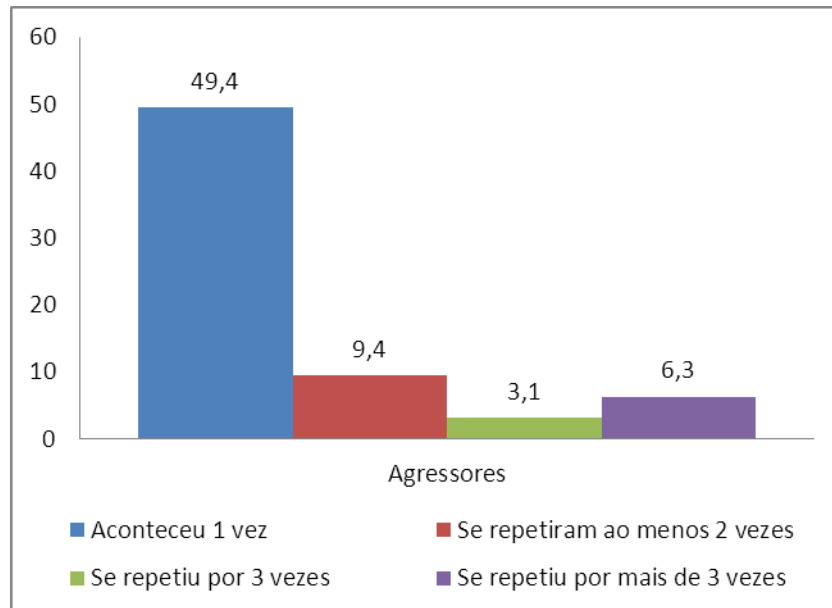


Figura 6 - quantidade das agressões de acordo com os agressores

Para Andrade (2007) o *Bullying* resume situações em que o aluno é, com freqüência, ameaçado, chantageado, insultado ou simplesmente apelidado com algum nome preconceituoso ou que não goste, palavras de gozação tais como: gordo, baleia, saco de areia. Como salientam Felipe e Guizzo (2008), as instituições escolares ainda estão muito preocupadas em uniformizar seus discentes na tentativa de eliminar possíveis diferenças, sendo que essas preocupações também se referem a sexualidade. É essa preocupação com a sexualidade, que por exemplo, sustenta a separação de meninos e meninas nos espaços da escola. As autoras destacam que os meninos aprendem desde cedo, que a companhia de garotas pode ser algo que os inferioriza, onde estar com o sexo feminino parece denegrir a imagem masculina hegemônica. Isso pode justificar o fato de que o *Bullying* foi confirmado entre pessoas do mesmo sexo. Colaborando com essa ideia, Alvarenga e Igna (2008), destacam que a ação pedagógica está imbricada com a normalização dos corpos, ou seja, pautamos as nossas práticas tomando como referencia uma identidade hegemônica: branca, masculina, heterossexual. Para isso a escola deve estar preparada para trabalhar com as questões referentes a diversidade dos alunos e alunas.

4.3 Local das agressões para vítimas, espectadores e agressores

Sobre os espaços da escola Stramann (2005), diz que deve ser interpretado como um lugar para movimentar-se, onde o movimento é visto como um princípio geral na organização e configuração da escola. Nesse sentido, perceber como os estudantes se movimentam na escola, como eles usufruem do espaço colabora para o entendimento do bom uso desses espaços e também do mau uso do mesmo. Também se faz necessário o entendimento de como é usado esses espaços por meninos e meninas, destacando as relações de gênero.

De fato nem todas as crianças tem liberdade na escola para usar todos os lugares. A quadra é um exemplo de espaço predominantemente masculino. Por outro lado, nas rodas de conversas encontramos poucos meninos. Ainda nas observações realizadas, percebi que os estudantes mais novos, procuram atividades no recreio que possam ser realizadas por meninos e meninas. Já para os mais velhos a separação é uma necessidade e as vezes quase que uma imposição. Pereira e Mourão (2005) constataram que isso se deve pois:

Meninos e meninas foram experimentando uma educação corporal com foco apenas em suas diferenças, sem vislumbrar incentivos comuns de convivência desses mesmos corpos na prática da ginástica, do esporte, da dança, da lutas, dos jogos e brincadeiras (p.3).

O modo como meninos e meninas se movimentam reflete também nas práticas do *Bullying*. Assim ao fazer um mapeamento dos locais de destaque onde o *Bullying* acontece dentro da escola, verifiquei que para as vítimas o recreio é o local determinante. Como para as vítimas, os espectadores também disseram que as agressões foram vistas no recreio. Já os alunos/as que agrediram alguém consideraram que a sala de aula é o meio mais fácil de praticar tal agressão, como podemos verificar no Figura 7, a seguir:

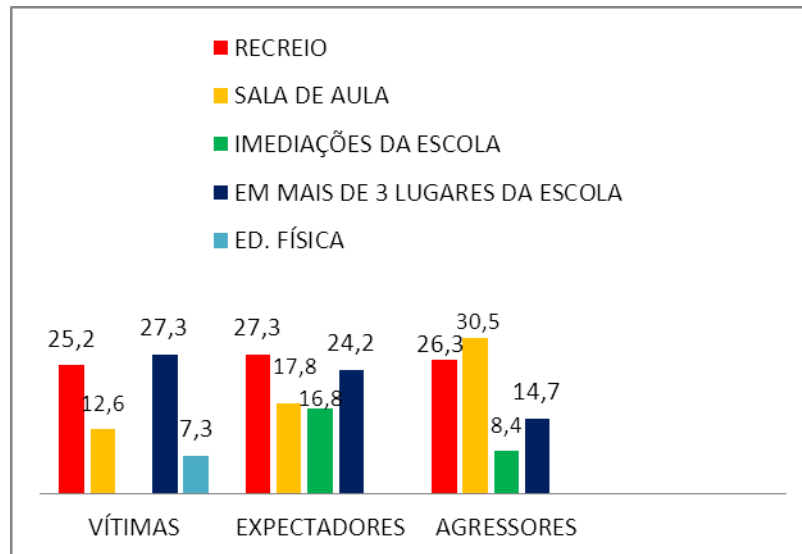


Figura 7 - Quanto ao local

Para efeitos de comprovação do que as vítimas disseram, onde 25,2% foram agredidas no recreio, destaco o desabafo de uma menina realizado durante uma de minhas observações na escola, que segundo ela, os meninos passam o tempo todo se empurrando e se chutando, e que se ela pudesse não participaria do recreio. A menina ainda mencionou que quando toca o sinal para todos os alunos/a retornarem as salas de aula, ela fica muito feliz, pelo fato de que ao terminar o recreio, os meninos deixam de colocar apelidos nas meninas.

Sobre isso, Wenez e Stigger (2007) aponta que tanto na escola, quanto no recreio, as crianças não são tão livres. Ela ainda afirma que as crianças não brincam todas juntas, não fazem sempre o que querem, nem todas brincam em todos os espaços e, ainda, nem todas brincam do que gostariam, o que nos permite entender esse resultado expressivo. Quando a autora relata que as crianças não brincam todas juntas no recreio, nos permite entender que existe uma construção cultural inserida nessas ações e que acentua a resistência de meninas, por exemplo, aos espaços das quadras esportivas. Isso ocorre, porque de acordo com Wenez e Stigger (2006, p. 9), “cria se uma cultura particular dentro do contexto escolar e do recreio com algumas características próprias, onde os autores citam como exemplo, uma negociação que inclui a maneira de lidar com os espaços conforme gênero e geração”.

Os autores ainda concluem que não existe regra explícita que diga que as meninas não possam utilizar os espaços das quadras, mas de certo modo, os meninos se apropriam e legitimam a quadra como um espaço próprio para um jogo masculino. Esse é mais um exemplo de como pode-se iniciar um conflito, seja nos espaços comuns a todos ou em outros espaços claramente identificados como territórios com maior presença de meninos ou de meninas.

São esses pequenos conflitos que ao se tornar rotineiros na escola tendem a se transformar em *Bullying*, pois de maneira repetida alguns se divertem á custa de outros que sofrem. Como consequência disso, surgem as vítimas, os agressores/as e aqueles que participam indiretamente da ação do agressor, ou seja, os espectadores da agressão.

Reconhecendo quem são os envolvidos, verifiquei que o recreio é o local onde prevaleceu o maior número de práticas de vitimação, tanto as agressões em meninas como em meninos. Pereira et al. (1996) afirma que isso acontece porque as crianças querem o mesmo espaço para brincar e não o têm, logo lutam por ele, colaborando também com a ideia de Ileana Wenez (2007).

De acordo com as observações realizadas na escola durante o recreio e das narrativas de alguns alunos/as sobre o tema, o recreio é o espaço onde eles/ elas se encontram, ou seja, prevalece o maior número de crianças enquanto que diminui a presença de adultos por perto para supervisionar, já que como relataram alguns alunos/as é o momento de pausa das atividades para as professoras que se isolam em salas fechadas durante esse momento de intervalo. Os poucos adultos que aparecem para supervisionar esse momento nada fazem quando percebem o ato de violência, como relataram as vítimas, mesmo sabendo que em sua maioria, os agressores/as agem sozinhos/as. Concordo com Fernandes e Elali (2008) quando dizem que:

Nos locais e situações de brincadeira, a criança é agente de seu próprio desenvolvimento, na medida em que atua selecionando as suas atividades e objetos, seus lugares preferidos, seus colegas; por outro lado, ela também é influenciada pelo ambiente sócio-físico em que se encontra, que atua sobre ela, facilitando, contribuindo e, até mesmo, alterando seus comportamentos, os quais, por sua vez, também modificam o ambiente (p.2).

De acordo com as vítimas verificou-se que a sala de aula foi o segundo local onde mais se destacaram as agressões com 12,6%, em terceiro lugar aparece os espaços destinados a Educação Física com 7,3%, ainda 6,4% foram agredidos na rua ou imediações da escola, 5,2% foram agredidos em corredores e escadas e um total de 27,3% das vítimas de agressão afirmaram que essas agressões se repetem em mais de um local na escola.

Ao conversar com a professora de Educação Física da escola, verificamos que as agressões durante as aulas se confirmam. Com isso podemos justificar o percentual de 7,3% de vítimas que foram agredidas nesses espaços. Ela destaca ainda que apesar de a Educação Física ser vista como uma das melhores disciplinas pelos alunos/as e por ser um momento de muitas dinâmicas as agressões acontecem, tanto a agressão física como a agressão verbal.

A professora de Educação Física ratifica que a agressão verbal se confirma através dos palavrões, enquanto que a agressão física se confirma através de chutes e empurrões e que para solucionar esse problema ela tem trabalhado com textos de valorização, de respeito mútuo, tem realizado conversas de conscientização mediadas através do diálogo, além disso, acentua o trabalho visando a colaboração e cooperação. Mesmo com as agressões se confirmando, ela destaca que os alunos/as são participativos, e que por serem oriundos de famílias humildes sabem valorizar o profissional, seja ele de Educação Física ou não, acrescentando que ela tem uma excelente relação com seus alunos/as.

Chamo a atenção para o fato de que os espectadores não destacaram terem visto as agressões durante as aulas de Educação Física. De acordo com eles, a incidência maior foi no recreio (27,3%), seguido da sala de aula (17,8%), na rua ou imediações da escola (16,8%), em corredores e escadas (5,2%) e 24,2% afirmaram presenciar agressões em mais de um desses locais. Por outro lado, os/as alunos/as agressores/as apontaram que 30,5% das suas ações ocorrem diante dos olhos dos/as professores/as, ou seja, em sala de aula. Sobre essa afirmação dos alunos/as, conversei com duas professoras, que ministram aulas em todas as turmas do turno da manhã, que admitiram a existência de agressões em sala de aula, porém a frequência com que ocorrem está diminuindo. As duas professoras disseram já terem presenciado a agressão verbal, enquanto que a agressão física,

nunca foi vista em sala de aula. Ao me relatarem isso, questionei às professoras se elas sabiam o motivo dessas agressões e elas responderam de forma diferente. Uma delas respondeu que como é uma escola de periferia, que atende alunos que tem uma condição sócio econômica baixa, oriundos de uma área de Invasão, portanto são alunos carentes e o motivo que gera agressão verbal é quando se relaciona com questões de higiene dos alunos. Essa professora ainda relatou que como atende a todas as turmas do turno da manhã, ela percebe que a incidência dessas questões são principalmente entre os alunos/as menores, onde ela citou 5º e 6º série. A outra professora mencionou que a agressão verbal se verifica através dos apelidos maldosos, que não são palavrões, pois ela não permite e também é proibido pela escola, mas apelidos que são dados aos colegas, sejam eles meninos ou meninas, onde ela destaca que é sem motivo aparente. Os agressores ainda disseram que 26,3% das agressões ocorrem durante o recreio, 8,4% na rua ou imediações da escola, 4,2% no refeitório, 14,7% em mais de um desses lugares já citados, e apenas 22,1 % afirmaram não provocar agressões nesses locais da escola.

Em relação a isso, Grossi e Santos (2009) chamam a atenção para o fato de que a agressão em sala de aula proscede pois a sala de aula, configura-se no espaço de maior intimidade do grupo e, por isso, mais propenso ao reconhecimento das diferenças entre as pessoas. Quanto a prática dessas agressões serem maiores em sala de aula, reporto-me a reflexão sobre o motivo que leva os/as professores/as a omitir essas agressões. Será que ao fechar os olhos para a violência em sala de aula, professores e professoras não estariam incentivando a reprodução desses atos violentos fora dela ou mesmo no seu interior? Como mencionei anteriormente, enquanto a coordenadora relatava que considerava necessário debates sobre o *Bullying*, pois diz ela que procede alguns casos que foram confirmados pela escola, a diretora tentava omití-los, negando as situações de *Bullying*. A cerca desse tema, Braga e Lisboa (2010) afirmam que por muito tempo, pais e professores admitiram o comportamento agressivo como algo natural e normativo que ocorria nas escolas, porque o confundiam com brincadeiras. Levando em consideração tais aspectos, sobre os pátios escolares, Fernandes e Elali (2008) dizem que um número excessivamente grande de alunos pode produzir agressividade e irritabilidade e, por

outro lado, um número muito reduzido pode gerar isolamento e pouca socialização. A pesquisa realizada pela ABRAPIA¹¹ no ano de 2003 mostra que 29% dos autores cometem as agressões por brincadeira sem se darem conta dos danos emocionais que causam nas vítimas.

Outro ponto investigado na presente pesquisa, refere-se a perspectiva das vítimas e dos espectadores acerca das ações dos praticantes de bullying. As vítimas apontaram que em sua maioria, os agressores tendem a agir sozinhos 50,5%; enquanto que 20% das agressões foram produzidas por um grupo de pessoas; 11,5% foram agredidos por 2 pessoas e 17,9% afirmaram não terem sido vítimas de agressões. Os agressores/as também afirmaram agir sozinhos em sua maioria, sendo estes 49,4%, apenas 18,9% admitiram agir em grupo, 9,4% não responderam e 22,1% disseram mais uma vez não agredir as pessoas presentes na escola. Desse modo, apresento na Figura 8 o número de agressores de acordo com a visão das vítimas e dos próprios agressores que admitiram a prática do *Bullying*.

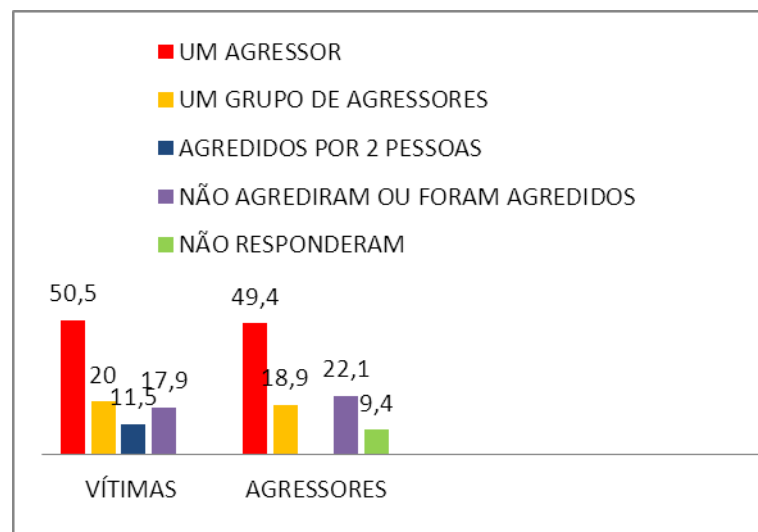


Figura 8 - Número de agressores

Em relação ao sexo dos agressores/as, Mazzon (2009), chama a atenção para o fato de que os meninos apresentam atitudes mais preconceituosas que as meninas em relação a identidade de gênero, o que permite entender o maior número

¹¹ ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência- A ONG realizou uma pesquisa sobre o Bullying no Rio de Janeiro com 5.337 alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental de 11 escolas sendo que 9 públicas e 2 particulares.

de agressores do sexo masculino. Neto (2005), diz que entre os agressores, observa-se um predomínio do sexo masculino, enquanto que, no papel de vítima, não há diferenças entre os sexos. Em nosso estudo, predominou o sexo masculino tanto no papel de agressor como no de vítima, ou seja, de acordo com as vítimas ao se verificar o sexo dos agressores/as, os resultados indicaram que 46,3% são vítimas de agressores do sexo masculino, 28,4% são do sexo feminino e 25,3% disseram não sofrer agressões, sendo que destes agressores 38,9% eram mais velhos, 28,5% eram colegas da mesma idade, 7,3% eram mais novos. Ainda que 43,7% eram colegas de turma, 26,4% eram de outra turma do outro ano e 5% de outra turma do mesmo ano.

Já os agressores/as apontaram que 41,05% das pessoas agredidas eram do sexo masculino, 22,1% do sexo feminino, e 27,3% apontaram mais uma vez que não tiveram esse comportamento como ilustram as Figuras 9 e 10, a seguir.

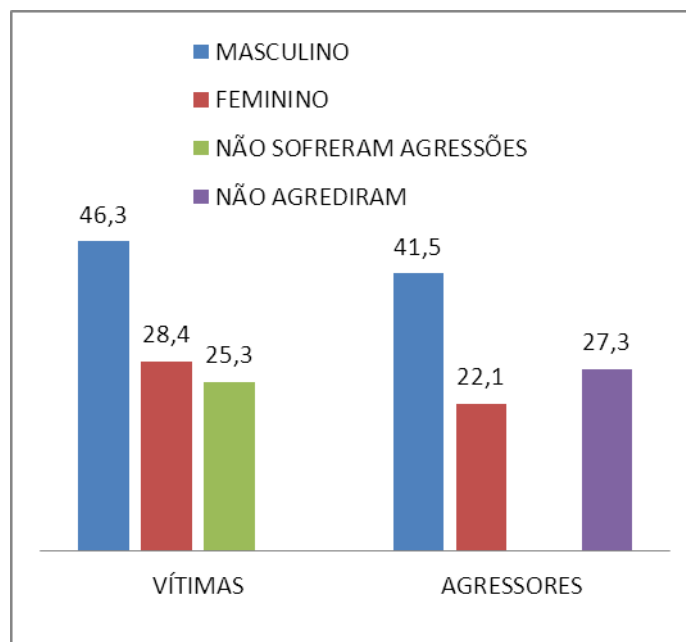


Figura 9 - Sexo dos agressores e sexo das vítimas

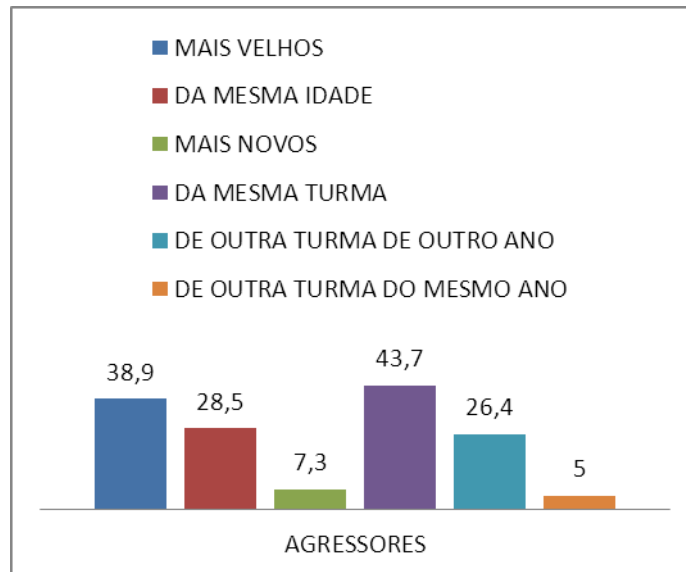


Figura 10 - Idade e turma dos agressores

Sobre isso, em função das observações no recreio, verifiquei que as meninas e meninos andam em grupos separados (6^a, 7^a e 8^a series), enquanto que meninos e meninas da 4^o e 5^o serie andam juntos. Os resultados demonstraram que os agressores são geralmente os mais velhos, e ainda que, os agressores tendem a manifestar as agressões por pessoas do mesmo sexo, já que é característico dos alunos mais velhos andarem somente entre meninos ou somente entre meninas. Comparando meninas e meninos, as vítimas ainda admitiram que as agressões são provocadas, principalmente por pessoas do mesmo sexo. Assim 46,9% das meninas apontaram que o ato de violência é provocado também por meninas, e 65,2% dos meninos afirmaram que o ato de violência também é provocado por pessoas do mesmo sexo, portanto meninos.

Ainda comparando meninos e meninas destaco a agressão através de nomes feios, tanto para os meninos como para as meninas, porém a agressão com empurrões só se destacou nos meninos, ou seja, ao fazer uma análise por sexo, 51,02% das meninas foram chamadas por nomes feios, 38,7% sofreram intrigas a seu respeito e 30,6% foram humilhadas prevalecendo a agressão verbal e psicológica. Em relação aos meninos prevaleceu com 41,3% os nomes feios, seguido de 26,08% que sofreram calúnias, aparecendo também a agressão física onde 23,9% foram vítimas de empurrões, como apresento na Figura 11. Diante desse cenário, destacamos que desde muito cedo, meninos aprendem a utilizar a

força como modo de imposição. Além disso, as práticas corporais e esportivas tendem a reforçar esse comportamento. Goellner et al. (2008) afirmam que aos meninos são destinados a aventura, a potencia, o desafio, a força e às meninas a aventura comedida, a potencia controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Abramovay (2009) menciona que de acordo com os paradigmas hegemônicos de masculinidades, mostrar se forte e potente era valorizado para o masculino já que demonstrava a macheza do aluno. Silva (2008) afirma que caso os meninos não corresponderem às suas características naturais, seriam considerados alunos que apresentam desvios de conduta, ou ainda seriam caracterizados como alunos-problema.

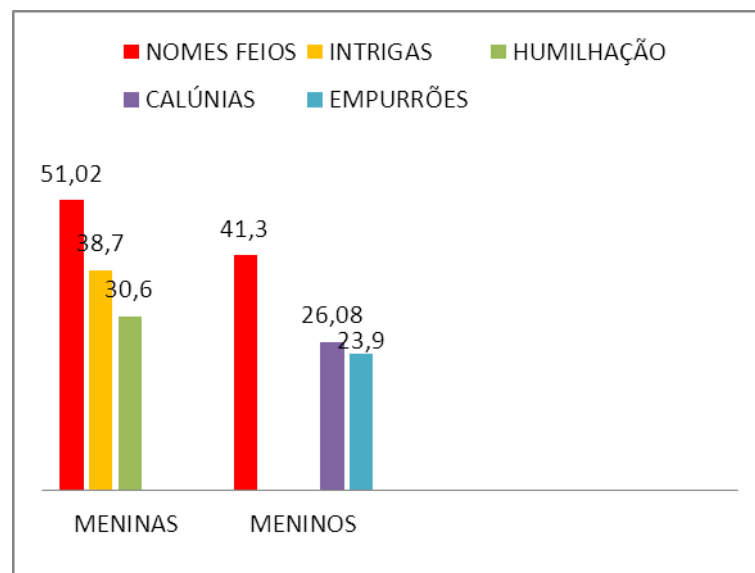


Figura 11 - Meninos e meninas vítimas de agressões

De acordo com as observações realizadas no recreio, percebi que o recreio demanda maior supervisão de adultos, já que também é maior a quantidade de crianças que se encontram nesse momento. Mesmo assim os poucos adultos que aparecem para supervisioná-lo nada fazem quando percebem o ato de violência, como relataram as vítimas, mesmo sabendo que em sua maioria, os agressores/as agem sozinhos/as.

Identificou-se que os agressores/as são principalmente do sexo masculino, assim como são mais velhos. Da mesma forma que relata Santos (2007) ao afirmar que entre os agressores existe um predomínio masculino. De acordo com

Abramovay, Cunha e Calaf (2009), isso ocorre porque mostrar ser forte e potente tem sido um elemento bastante valorizado para o masculino, já que simboliza a virilidade e macheza do aluno. A violência quando relacionada principalmente aos meninos, representa de certo modo, uma necessidade e uma obrigação que lhes exige e cobra a busca de uma pretensa virilidade que foi naturalizada e à eles é imputada. Francisco e Libório (2009) salientam que a naturalização da violência acontece por meio de um processo cultural e de socialização que move e encoraja os meninos a assumirem uma posição violenta, já que a sociedade entende como natural para eles. Essa imagem naturalizada só tende a caracterizar um determinismo biológico, que segundo Devide (2005), legitima as relações de dominação masculina, justificando possibilidades e acessos desiguais aos homens e às mulheres à um largo espectro de oportunidades sociais.

Segundo Pereira, Neto e Smith (1997), os recreios normalmente são vistos pelas crianças como locais para medir forças e estabelecer relações de poder. É interessante ressaltar que, conforme os dados, quando citamos as agressões provocadas pelo sexo feminino, verifica que elas agem assim por brincadeira, ou seja, ainda não consideram como ato agressivo, diferentemente dos meninos que agridem para sair em defesa dos outros na tentativa de demonstrar força. Porém não podemos negar que as meninas também aparecem como agressoras, mas de maneira mais discreta, onde identificou-se a agressão verbal e psicológica, enquanto que para os meninos já aparece a agressão física com os empurrões. Malta et al. (2010) dizem que a identificação das meninas com o *Bullying* pode estar relacionado ao uso de formas mais sutis de humilhação, agressividade ou intimidação. E o fato de não se destacar agressão física através dos empurrões, é porque as meninas necessitam manter suas características femininas, ou seja, a menina tem de ser delicada, dócil, caprichosa e não pode se aproximar das características masculinas. Afinal, a ação física está relacionada à força, a agilidade a robustez dos corpos, o que reafirma noções de masculinidade referente. Devide (2005) destaca mais uma vez que a partir de forças históricas o sexo e o gênero interagem e fazem com que homens, muitas vezes sejam impedidos de expressar suas emoções, admitir suas fraquezas e medos sob o risco de não serem reconhecidos como homens, enquanto mulheres são compelidas a permanecer em posições culturalmente destinadas a

elas, como os trabalhos de assistência social, domésticos, educacionais, que tem em comum o cuidar dos outros.

Ainda em um entrevista realizada a revista *Isto é*, no ano de 2010, Allan Beane, um dos maiores especialistas em violência entre estudantes define que meninos e meninas lidam com o *Bullying* de maneira diferente, onde elas costumam agir pelas costas, através de comentários depreciativos e sabem disfarçar melhor quando são descobertas, enquanto que os meninos tendem a agredir fisicamente com maior frequência, ratificando os resultados deste estudo e contrapondo-se ao que afirma Neto (2005), quando diz que independe o sexo das vítimas. Andrade (2007) sintetiza que:

os meninos com uma frequência muito maior, estão mais envolvidos com o Bullying, tanto como autores quanto como alvos, diferente das meninas que mesmo em menor frequência, o Bullying também ocorre e se caracteriza, principalmente como prática de exclusão e difamação (p.20).

Em relação a frequência do *Bullying*, a pesquisa revela que nas duas últimas semanas 9,4% dos sujeitos afirmaram ter agredido por duas vezes, 2,1% disseram foi mais de 3 vezes, enquanto que 69,4% informaram que não agrediram ninguém na escola.

Sobre o motivo que levou os agressores/as a ter esse tipo de comportamento, as respostas que se sobressaíram foram que essas agressões ocorrem principalmente por brincadeira ou seja, 21,05%. Isso evidencia uma tendência a banalização da violência. De acordo com Guimarães e Campos (2007):

Nota se assim uma disposição cultural de se considerar fenômenos de violência explícita (atos agressivos) como sendo, além de frequentes, “comuns”, “naturais”, “corriqueiros”, “banais”, destituindo a violência do lugar da excepcionalidade, para tornar-se uma marca do cotidiano (p.2).

Ainda 15,7% provocam as agressões para sair em defesa de outros colegas, 15,7% afirmaram ficar irritados ou que agiram por vingança e 10,5% disseram ter mais de um desses motivos para agir assim. Ainda quando questionados sobre os sentimentos que eles/elas tem pelas vítimas, a resposta mais citada com 24,2% foi que mantem um sentimento de raiva. Apenas 5% dos agressores foram castigados, 31,5% dos agressores/as tiveram ajuda para modificar esse comportamento, sendo a família o principal elo de mudança desses atos, seguido da ajuda de professores e

amigos, ou seja, 48,4% dos agressores afirmaram querer mudar esse comportamento. Nesse ponto, destaco a importância da família, já que colaboram na orientação e formação das crianças. Grossi e Santos (2009, p. 16) ressaltam que “é necessário que os pais venham buscar auxílio profissional para a intervenção nas situações de Bullying, reforçando a auto estima e orientando os jovens a enfrentarem a dificuldade ao invés de troca-los de escola”.

As famílias devem estar envolvidas nas atividades escolares e juntamente com a escola devem inserir-se nos debates sobre as questões de *Bullying*, procurando discutir a melhor maneira de intervir positivamente no enfrentamento do problema, ou seja, é preciso buscar uma aproximação com a escola. Com isso apresento mais uma situação vivenciada na escola durante uma de minhas observações, onde descrevo a conversa de duas mães sobre a violência atual. Enquanto elas conversavam no corredor da escola para falar com a diretora, os filhos de cada uma aguardavam juntos. Logo os meninos começam a discutir em frente as mães que inicialmente não fizeram nada. A agressão que começou verbalmente, passou para empurrões, ou seja, agressão física. Uma das mães tem a iniciativa de pedir para os dois pararem e manifesta a atitude dizendo: “Parem os dois que daqui a pouco vocês vão estar praticando *Bullying*. Ao afirmar isso, entende-se que esta mãe passou por um processo de entendimento da violência, onde atualmente presenciamos como *Bullying*, e que independente do seu grau de instrução, essa mãe sabe que a violência está praticamente em todas as escolas e que hoje qualquer discussão por mais que seja observada através do senso comum, sugere uma realidade existente e determinada pela cultura local.

De acordo com uma pesquisa realizada pela ABRAPIA, 51,8% dos autores de bullying admitiram não terem sido advertidos. É nesse sentido, que em primeiro lugar, as famílias devem ficar atentas ao comportamento de suas crianças, buscando atuar de forma conjunta com a escola na prevenção dessas práticas de violência.

4.4 As vítimas, expectadores e os agressores de Bullying em relação ao Sexo

A pesquisa também buscou investigar o *Bullying* em relação ao sexo, na perspectiva das vítimas, espectadores e dos agressores, por se compreender que de fato acontecem de modo diferente para meninos e meninas, assim como as construções relacionadas ao gênero. Inicialmente destaco o número de agressões, onde as meninas afirmaram que ocorreu apenas uma vez na última semana, totalizando 59,1% e 12,2% afirmaram que elas se repetiram por mais de 3 vezes. Para os meninos esse percentual foi menor, tanto para a agressão que ocorreu apenas uma vez na semana com 57,1%, como para os que disseram que se repetiu por mais de 3 vezes totalizando 6,5%.

Ainda 57,1% das meninas disseram que foram agredidas por um único/a agressor/a, seguidos de 16,3% das que afirmaram que as agressões foram provocadas por um grupo. Para os meninos também se destacou um único/a agressor/a nas práticas de *Bullying*, ou seja, 43,4%, enquanto que 23,9% também foram agredidos por um grupo como mostra o Figura 12, a seguir.

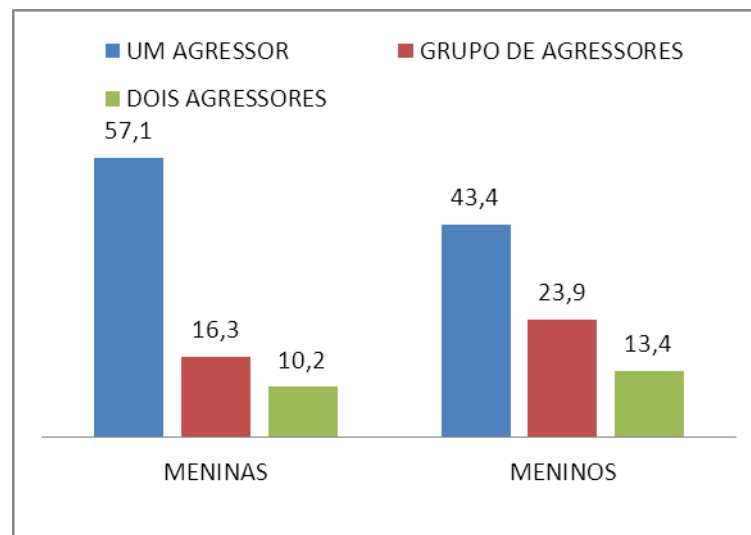


Figura 12 - Quantidade de agressores/as em relação a meninos e meninas

Em relação aos espectadores da agressão, as meninas destacaram que viram alguém ser vítima de intrigas, totalizando 36,7% das agressões, seguida de 22,4% que afirmaram terem visto alguém ser ferido/a de propósito. Os meninos

apontaram que também viram alguém ser vítima de intrigas, ou seja, 26,08% seguido de espectadores que presenciaram alguém ser ferido/a de propósito, sendo estes 19,5%. Quando questionados sobre a atitude que tiveram ao presenciar os atos de violência a situação mais citada pelas meninas foi de que não fizeram nada ao presenciar o ato de violência, totalizando 28,5% das meninas, seguido de 22,4% das meninas que recorreram a um adulto, enquanto 30,4% dos meninos também afirmaram não fazer nada e 15,2% das meninas afirmaram recorrer a um adulto.

Quanto ao local onde foram vistas estas agressões, 38,7% das meninas disseram ter visto em sala de aula, seguido de 30,6% que disseram ter visto nas imediações da escola, enquanto que 47,8% dos meninos disseram ter visto as agressões no recreio, e 21,7% em sala de aula.

Ainda relacionado ao sexo, meninas e meninos afirmaram se destacar a agressão verbal ao provocarem as agressões, sendo que 24,4% das meninas chamam alguém por nomes feios, onde para elas são nomes que incomodam os outros/as, e portanto são ditos como forma de provocação, enquanto que para os meninos representam 23,9% desse tipo de agressão. Os apelidos mais citados foram gorda, feia, bicha, bichona, quatro olho, etc. Para as meninas e meninos, estas agressões foram praticadas apenas uma vez, representando 50% das meninas e 52,1% dos meninos.

Em relação ao local onde efetuaram as agressões, 40,8% das meninas disseram praticar as agressões no recreio, enquanto que os meninos destacou-se as agressões em sala de aula, totalizando, 30,4%. Isso significa que os espaços dos meninos não são os mesmos espaços das meninas, tanto para praticar as agressões, como na prática de algumas atividades, onde Pereira e Mourão (2005) enfatizam que os meninos acham que as meninas atrapalham e meninas acham que meninos são violentos, não há harmonia nas práticas corporais, e as necessidades e os desafios já não são mais os mesmos. Quanto aos locais utilizados pelos meninos e meninas as autoras destacam ainda que:

Com referência à prática corporal, em geral, os meninos dispõem de todo pátio ou quadra, onde correm, lutam, jogam, competem, em suma, preparam-se para a vida adulta. Enquanto que para as meninas basta um pequeno espaço, de preferência à sombra, onde se sintam estimuladas a conversar ou, no máximo, a pular corda e jogar queimada (PEREIRA E MOURÃO, p.5).

Eles e elas admitiram agir sozinhos/as durante as agressões, sendo 59,1% de meninas que agem sozinhas e 39,1% dos meninos que agem sozinhos. Apesar disso, os meninos representam maioria, quando questionados sobre a atuação em grupo, sendo 26,08%, diferentemente das meninas que representam apenas 12,2% que afirmaram agir em grupo. Pupo (2007) esclarece que isso acontece pois assim eles ratificam um carisma grupal. Para a autora, são indivíduos que estão paradoxalmente separados de e unidos com os restantes que reconhecem sua superioridade e, de algum modo, legitimam essa superioridade. A autora destaca ainda que é preciso que meninos e meninas percebam que sua conduta não tem nada a ver com capacidades inatas, nem naturais, mas foram construídas socialmente e reproduzem os modelos de condutas existentes.

Em relação ao que leva meninos e meninas a manterem esse tipo de comportamento, elas apontaram que agiram assim por brincadeira, representando 24,4%. Já eles afirmaram que saíram em defesa de outros colegas, totalizando 19,6%. Ao perguntar para as meninas o que sentiram pelas pessoas que agrediram, elas responderam com mais incidência que sentem raiva, representando 30,6%. Já 28,2% dos meninos disseram não sentir nada pelo agredido. Neto (2005) menciona que nesse caso o tratamento indicado para o autor de *Bullying* deve ser de habilitá-lo para que controle sua irritabilidade, expresse sua raiva e frustração de forma apropriada, seja responsável por suas ações e aceite as consequências de seus atos.

As meninas ainda complementaram apontando que agredem, principalmente, colegas ou seja 40,8% e apenas 26,5% eram do sexo oposto. Os meninos também destacaram com 56,5% que os agredidos eram sobretudo do mesmo sexo e apenas 2,1% do sexo oposto. Isso denota que mais do que se espera, meninos interagem somente com meninos e meninas tendem a se relacionar somente com as meninas. Isso também justifica o fato delas não participarem de atividades hegemonicamente masculinas. Furlan e Santos (2010) entendem que é por isso, também, que em muitos casos os alunos/as não realizam algumas atividades por acreditarem fielmente que estas são exclusivamente femininas e/ou masculinas, e quando realizam, sempre há um tom de preconceito nas suas práticas.

Elas afirmaram que os agredidos/as eram em sua maioria da mesma idade, enquanto que os meninos destacaram que os/as agredidos/as eram os mais velhos. Um total de 44.8% das meninas agridem pessoas da mesma turma, assim como 28,2% dos meninos afirmaram o mesmo.

Quanto ao fato de alguém presenciar o ato, 28,5% das meninas disseram que alguém presenciou o ato de violência, mas 14,2% não fizeram nada ao presenciá-lo e apenas 6,1% pediram ao agressor para parar. Os meninos, ou seja, 36,9% disseram que alguém presenciou, sendo que 23,9% não fizeram nada e apenas 2,1% pediram para o agressor parar.

O número de meninas que foram castigadas pelo fato de agredir alguém foi bem maior quando comparado aos meninos, assim como a ajuda que receberam para mudar o comportamento, sendo esta ajuda de pais, amigos e escola. Mais uma vez, observa-se que os meninos podem mais que as meninas, ou seja, ao se verificar um número maior de meninas que foram castigadas, entende-se que isso denota que elas quebraram as regras ao agredir alguém. Os meninos não foram castigados, porque mais uma vez, é natural que eles sejam agressivos. Vianna e Finco (2009) completam que o que é valorizado para a menina, não é muitas vezes apreciado para o menino, e vice-versa. Os autores destacam ainda que se por um lado, é possível observar o controle da agressividade na menina, o menino sofre processo semelhante, mas em outra direção: neles são bloqueadas expressões de sentimentos como ternura, sensibilidade e carinho. Mesmo assim os meninos se mobilizam mais para mudar essas atitudes e são maioria quando afirmam fazer o possível para não reagir as provocações.

5 CONCLUSÃO

Ao se revelar a necessidade de abordar o *Bullying* nos espaços escolares atribuindo os discursos em relação ao gênero, tenta se diagnosticar a relação de meninos e meninas frente a violência cada vez mais evidente nas escolas.

O *Bullying* é um comportamento atual de alunos e alunas que atinge todas as classes sociais e escolas, sendo essas públicas ou particulares. Os resultados desta pesquisa, mostraram que o sexo masculino se sobressai diante do sexo feminino, na maioria das práticas de *Bullying*. Isso significa que, os meninos se destacam como agressores e como vítimas. Contudo, não podemos esquecer que o comportamento agressivo dos jovens também se perpetua entre as meninas, porém de uma forma mais discreta. Isso nos permite dizer, através dos dados da pesquisa que os meninos utilizam mais a força física para intimidar as suas vítimas enquanto que as meninas utilizam mais a agressão verbal. Sobre essa questão, podemos entender que até mesmo os espaços utilizados por meninos e os espaços utilizados por meninas demonstram uma consequência do modo como eles e elas se relacionam, Concordo com Wenetz e Stigger (2007) quando dizem que as meninas são mais tranquilas e negociadoras ou que se submetem mais facilmente, enquanto que os meninos mostram-se mais violentos e agressivos.

Além disso, a pesquisa revelou que em quase todos os espaços da escola, acontecem essas práticas de *Bullying*, porém, o local de maior incidência dessas práticas se concentra no momento do recreio. Aqui destaco a necessidade de se pensar nesse momento, como um espaço de aprendizagem e de formação para as crianças, de maneira a elaborar locais onde meninos se apropriem dos espaços das meninas e vice versa.

Para isso, pais, professores/as e a comunidade escolar junto com a equipe diretiva, devem problematizar o assunto na escola, com o intuito de prevenir comportamentos agressivos em quaisquer espaços, sejam eles salas de aula, refeitórios, banheiros, quadras esportivas, etc. Deste modo, irão reconhecer como o ambiente escolar se configura. As escolas devem estar preparadas para discutir o tema, problematizá-lo através do diálogo, já que isso implica no rendimento escolar de alunos e alunas e atuar no combate ao *Bullying* através da prevenção.

Além disso, a escola tende a reforçar normas e padrões a serem seguidos por meninas e meninos de acordo com os papéis normalizados para cada sexo, e que tendem muitas vezes a incentivar preconceitos na escola. Novamente a atuação de professores e professoras junto á equipe diretiva (coordenação e direção) se faz necessário para que de forma conjunta eles e elas possam atuar de maneira efetiva nas situações envolvendo as relações de gênero. Através de noções relacionadas à gênero e entrelaçadas com as questões que envolvem as práticas de *Bullying*, podemos construir uma educação voltada para a diversidade. Enfim, buscamos desse modo oportunizar aos alunos e alunas uma sociedade menos desigual, onde as diferenças biológicas, por exemplo, não sejam utilizadas para justificar as diferenças entre homens e mulheres.

REFERENCIAS BIBIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; **Debate: violência, mediação e convivência na escola.** In: Debate: violência, mediação e convivência na escola. Ministério da Educação, boletim 23-nov 2005.

_____. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas/ Miriam Abramovay, Anna Lucia Cunha, Priscila Pinto Calaf. Brasília: Rede de informação Tecnológica Latino Americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal- SEEDF, 2009. 496p.

ALMEIDA, M.C.X.; **Educação como aprendizagem da vida.** Educar, Curitiba, Editora UFPR, 2008, n. 32, p. 43-55. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a05.pdf>> Acesso em 12 de ago. 2011.

ALVARENGA, L. F.C.; IGNA, M. C.D. **Corpo e sexualidade na escola: as possibilidades estão esgotadas?** In: MEYER, D. E; SOARES, R. F. R. (orgs) Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004. 2º edição: março/2008.

ANDRADE, M. P. **Bullying: concepções dos autores envolvidos.** Bauru, 2007.

BANDEIRA, C. M. **Bullying: auto estima e diferenças de gênero** - Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agosto/2009.

BRAGA, L.L; LISBOA, C. **Estratégias e coping para lidar com o processo de bullying: um estudo qualitativo.** Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology – 2010, Vol. 44, Num.2, pp.321-331.

CARVALHO, M. P. **Violências nas escolas: o bullying e a indisciplina.** In: Debate: violência, mediação e convivência na escola. Ministério da Educação, boletim 23-nov 2005.

CAMPOS, H.R; JORGE, S. D. C. **Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa.** Brasília, v. 23, n.83, p. 107-128, mar.2010.

CAVALCANTE; T.G. **Individualismo e Cultura: uma abordagem de algumas perspectivas de estudo na antropologia do mundo contemporâneo.** REVISTA ELETRONICA DE CIENCIAS SOCIAIS- NÚMERO 7- SETEMBRO DE 2004, pp.41-54. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/tayanegomes.pdf>> Acesso em 22/abr/2012.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2002.

CORTI, A.P. **Violências nas escolas e as relações sociais** - A dimensão social da violência escolar: conflito nas relações ou ausência de relação? In: Debate: violência, mediação e convivência na escola. Ministério da Educação, boletim 23-nov 2005.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. **A Educação Física e a Co-Educação: igualdade ou diferença?** In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.23, n.2, p. 43- 54, jan,2002.

CUNHA, C. **Ambiente escolar e qualidade da educação.** In: ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, A. L; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas.** Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. 496 p.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. **Construção de identidade de gênero na educação física escolar.** Motriz, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

DANTAS, E. H. M. **Pensando o corpo e o movimento.** Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DEVIDE, F. P. **Gênero, mulheres e esporte:** História das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Unijuí. 2005 (p. 19-76).

ENSSLIN, L; VIANNA, W.B. **O design na pesquisa quali-quantitativa em engenharia de produção – questões epistemológicas.** Universidade Federal de Santa Catarina- Florianópolis-SC- Brasil. ISSN 1676 - 1901 / Vol. 8/ Num. 1/ março de 2008.

FACCO, L. **Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil.** In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Editora Verus, 2005, 224 p.

FERNANDES, O. S.; ELALI, G. A. **Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal- Rs, Brasil, 2008. Disponível em :<www.scielo.br/paideia> Acesso em 24 de junho/2012.

FELIPE, J.; BELLO, A.T. **Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil.** In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. **Entre batons, esmaltes e fantasias**. In: MEYER, D. E; SOARES, R. F. R. (orgs) *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. 2ª edição: março/2008.

FURLAN, C.C. & SANTOS, P. L. Além das aparências: gênero e corpo no cotidiano da educação física escolar. *Fazendo gênero 9- Diásporas, diversidades, Deslocamentos*, agos/2010.

FRANCISCO, M. V. & LIBÓRIO, R. M. C. **Um estudo sobre o Bullying entre escolares do Ensino Fundamental**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 200-207. 2009. Disponível em: <www.scielo.br/prc> Acesso em 21 de Junho/ 2012.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. In: *Cadernos de Formação RBCE*, P.71-83, março de 2010.

_____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L; NECKEL, J.F; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Educando para a diversidade. In: LOURO, G.L; NECKEL, J.F; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness**. *Labrys Estudos Feministas*, v. 10, p. 12, 2006.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v.8 n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, S.V.; FIGUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. **A educação dos Corpos, das Sexualidades e dos Gêneros no espaço da Educação Física escolar**. In: *Sexualidade e Escola: compartilhando saberes e experiências/ Organizado por Fabiane Ferreira da Silva[et al.]*. 2. Ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008.

GUIMARÃES, S. P. & CAMPOS, P. H. F. **Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes**. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil, 2007.

GROSSI, P. K; SANTOS, A. M. **Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil**. Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Brasil. In: *Revista Portuguesa de Educação*, 2009, CIEd – Universidade do Minho.

ISABEL P. F; SIMÃO, A. M. V. & FERREIRA, A. S. **O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa**. Universidade de Lisboa, Portugal. In: *REVISTA PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO*, 2006, 19(2), p. 157-183, Universidade do Minho.

JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

JUNIOR, O. M. S. **Co-educação, futebol e educação física escolar**. São Paulo, Rio Claro, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura**: uni conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIBÂNEO, J.C. **O sistema de organização e gestão da escola**. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola - teoria e prática**. 4ª ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LOPES NETO, A. A. **Bullying** – Comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediatr (Rio J)*. 2005;81(5 Supl):S164-S172.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>
Acesso em 05/abr/2012.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. *Educação em revista*. Belo Horizonte.n.46. p.201-218.dez. 2007.

_____. **A construção escolar das diferenças** (p. 57-87). In: LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis; Vozes, 2010.

_____. A emergência do “gênero” (p. 14-36). In: LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis; Vozes, 2010.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MALTA, D.C et. al. **Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE)**, 2009. *Ciências e Saúde Coletiva*, 15(Supl,2):3065-3076, 2010.

MAZZON, J. A. **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual. Relatório analítico final**. São Paulo: maio de 2009. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), vinculada a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP).

MELO, A. J. C. **O bullying na escola: A agressividade entre jovens do 2º ciclo do Ensino Básico nos espaços escolares do conselho da Ribeira Grande**. Julho de 2007.

MEYER, DAGMAR, E. **Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero.** Cadernos temáticos: gênero, memória e docência. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Porto Alegre, 2001. p. 29-34.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>> Acesso em 01/abr/2012.

MORAIS, R. **Violência e educação.** Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

NETO, V. M. Etinografia: um opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: NETO, V. M.; TRIVINOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas** (org.) 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NETO, A. L.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não ao Bullying.** Rio de Janeiro, 2003.

PEREIRA, S. A. M; MOURÃO, L. **Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos.** Motriz, Rio Claro, v.11n.3, p. 205-210, set/dez.2005.

PIGATTO N. **A docência e a violência estudantil no contexto atual.** Abr./Jun., 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a07v1867.pdf>> Acesso em 22 ago. 2011.

OLIVEIRA, E.C. S; MARTINS, S.T.F. **Violência, sociedade e escola:** da recusa do dialogo à falência da palavra. Psicologia e Sociedade; 19(1): 90-98, janeiro/abril de 2007.

PEREIRA, B. O. ; ALMEIDA, A. T; VALENTE, L. & MENDONÇA, D. **O Bullying nas Escolas Portuguesas. Análises de variáveis Fundamentais para a identificação do problema.** In Actas do 2º Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 1996, pp. 71-81.

_____. ; Neto, C. e Smith, P. **Os Espaços de Recreio e a Prevenção do Bullying na escola.** In Neto (Ed.). Jogo e Desenvolvimento da Criança. Lisboa; Edições FMH, Universidade técnica de Lisboa, 1997, pp. 238-257.

PUPO, K. R. **Violência moral no interior da escola:** um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero. Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.

REVISTA ISTO É INDEPENDENTE, 2110; 16 Abr. 2010. Disponível em:<http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/65710_AS+ESCOLAS+FECHAM+OS+OLHOS+AO+BULLYING+?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage> Acesso em: 15 de Fev/2012.

REVISTA NOVA ESCOLA - A REVISTA DE QUEM EDUCA. Ano XXV n. 233, São Paulo: Abr./Jun./Jul. 2010.

SANTOS, L. P. R. O papel do professor diante do Bullying na sala de aula. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"- Faculdade de Ciências-Campus Bauru, 2007.

SCHILLING, F. **A sociedade da insegurança e a violência na escola.** São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, A. B. B. **Bullying: cartilha 2010 - Projeto justiça nas escolas.** Brasília/DF.; 2010. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/programas/justica-escolas/cartilha_bullying.pdf> Acesso em 15 de ago/2011.

_____. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, R. A. **O ponto fora da curva.** In: MEYER, D. E; SOARES, R. F. R. (orgs) Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004. 2º edição: março/2008.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas:** Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, agosto de 1999 (p. 52-68).

STAKE, R.E. **Pesquisa qualitativa:** estudando como as coisas funcionam /; tradução: Karla Reis; revisão técnica: Nilda Jacks.- Porto Alegre: Penso, 2011.

STRAMANN, R.H. **Escola(s) em movimento.** Movimento, Porto Alegre, v.11, n.1, p. 121-139, janeiro/abril de 2005.

VIANNA, C.; FINCO, D. **Meninas e meninos na Educação infantil:** uma questão de gênero e poder. Cadernos Pagu(33), julho-dezembro de 2009: 265-283.

WENETZ, I. ; STIGGER, M.P. **A construção do gênero no espaço escolar.** In: Movimento- Revista da Escola de Educação Física, Porto Alegre, v.12, n.01, janeiro abril, 2006.

_____. **Gênero e recreio: um espaço educativo?** Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte / Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Recife: CBCE, 2007. Disponível em: < <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/086.pdf> > Acesso em: 04 de Fev.2012.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O estudo intitulado “**Bullying e as relações de gênero presentes no espaço escolar**” tem o objetivo de analisar as relações entre desigualdades de gênero e a produção do *Bullying* no contexto escolar, identificando como ocorrem essas relações entre os meninos, entre meninos e meninas e somente entre as meninas. Este estudo será realizado no Ensino Fundamental, tendo como foco os estudantes de 5º a 8º série de uma Escola Estadual na cidade de Santa Maria - RS.

Você permitindo a participação do seu filho (a) neste estudo, possibilitará a discussão de debates eminentes sobre um tema atual, o *Bullying* nas escolas, cujos resultados permitem determinar a associação entre a violência presente nos espaços escolares e as relações de gênero (relação de meninos e meninas). O estudo será baseado na observação simples *in loco*, durante os intervalos do recreio e nas aulas de Educação Física de uma série alvo da escola para o estudo. As observações serão realizadas pela Profª. Michele Ziegler de Mattos, autora do estudo a ser realizado durante o curso de Especialização em Educação Física Escolar da UFSM. As observações terão duração de três meses, com início em outubro e finalização em dezembro.

Você e seu filho (a) terão como benefício indireto, a compreensão da existência ou não de associação entre as relações de gênero e o *Bullying* escolar entre as crianças que participarão do estudo. Vocês não correm riscos ao liberar as crianças para participar, pois a adesão é livre e voluntária; não haverá nenhuma forma de compensação financeira e, também, não haverá custos para o participante, que poderá desistir de participar deste estudo em qualquer momento, retirando este consentimento sem penalização alguma. A identidade do(a) participante permanecerá em sigilo durante todo o estudo e, especialmente, no momento da publicação dos resultados.

A análise dos dados e das observações ficará armazenada em armário na sala da Profª. Angelita Alice Jaeger do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM durante o período de 3 anos, estando à sua disposição em qualquer momento. Após este período, serão incinerados.

Eu, _____ (*nome do responsável participante*), RG nº _____, após ler as informações acima concedo a permissão para que meu filho (a) _____ (*nome do participante*) participe do referido estudo.

Santa Maria, ____ de _____ de _____

Assinatura do responsável _____.

ESCLARECIMENTO: Caso existam dúvidas quanto a sua participação, por favor, entre em contato com a Profª. Angelita Alice Jaeger pelo telefone 3320-8874 ou 99473049.

ANEXO B - VIOLÊNCIA ENTRE PARES - UM QUESTIONÁRIOⁱ

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos

QUESTIONÁRIO PARA O ESTUDO DA VIOLÊNCIA ENTRE PARES

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos/as estudantes acerca de alguns aspectos da sua vida escolar. É anónimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial.

A tua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola. Muito obrigada pela tua colaboração.

Série ou ano de escolaridade _____

Começamos a te pedir alguns dados de carácter pessoal:

1. Que idade tens? _____
2. A que sexo pertences? () masculino () feminino
3. Qual a profissão do teu pai? _____
4. Qual a profissão da tua mãe? _____
5. Qual é o grau de instrução do teu pai?
 Não sabe ler nem escrever
 Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade
 4º série
 Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior
6. Qual é o grau de instrução da tua mãe?
 Não sabe ler nem escrever
 Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade
 4º série
 Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior
7. Qual a situação civil dos teus pais?
 Casados
 Divorciados
 Separados
 Viúvo (a)
 União de fato
 Solteiros
 Vivem juntos
8. Tens irmãos e irmãs? () SIM () NÃO

Se respondeste NÃO, passa a pergunta 11.

9. Quantos irmãos e irmãs tu tens?
 Um
 Dois
 Três ou mais

10. Os teus irmãos e irmãs são?

- () Mais velhos
 () Mais novos
 () Mais velhos e mais novos
 () Mesma idadeⁱⁱ

11. Com quem vives?

- () Com os pais
 () Com pais, irmãos e irmãs.
 () Só com a mãe
 () Só com o pai
 () Com mãe, irmãos e irmãs
 () Com pai, irmãos e irmãs
 () Outras situações

Agora gostaríamos que nos falasse de alguns aspectos da tua vida escolar.

12. O que pensas do ambiente da tua escola?

13. O que pensas do relacionamento entre as pessoas da tua turma?

14. Nas **duas últimas semanas** te sentiu alguma vez vítima de alguma ou algumas das agressões que a seguir se referem, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações? (Assinala com uma cruz na coluna que corresponde às situações de que foi vítima).

	SIM	NÃO
Te empurraram com violência		
Te ameaçaram		
Te humilharam		
Te bateram		
Te chamaram por nomes feios		
Levantaram calúnias/rumores a teu respeito (disseram coisas ruins de ti ou da tua família)		
Te excluíram do grupo (não quiseram conviver contigo)		
Te tiraram coisas (objetos pessoais, dinheiro)		
Te feriram de propósito (te beliscaram com força, te machucaram com objetos)		
Estragaram os teus objetos pessoais ou vestuário de propósito		
Te tocaram contra tua vontade		
Fizeram intrigas a teu respeito		
Outras agressões ou perseguições		

Quais? _____

15. Quantas vezes você foi agredido ou perseguido nesse período de tempo?

- () Uma vez
 () Duas vezes
 () Três vezes
 () Mais de três vezes

16. Em que local ou locais ocorreram essas situações? Marque quantas vezes for necessário.

- () Sala de aula
 () Recreio
 () Corredores e escadas
 () Refeitório
 () Espaços de Educação Física (vestiários, quadra esportiva)
 () Banheiros
 () Imediações da escola
 () Outra. Qual? _____

17. Nessas situações, foi agredido ou perseguido por:

- () Uma pessoa
 () Duas pessoas
 () Grupo de pessoas

18. Essas pessoas eram colegas da tua escola? () Sim () Não

19. Alguma dessas pessoas ou desses grupos te agrediu ou perseguiu mais do que uma vez nessas semanas?

- () Não
 () Sim; 2 vezes
 () Sim; 3 vezes
 () Sim; mais de três vezes

20. **Se SIM**, ainda continuas a ser agredido ou perseguido por essa(s) pessoas(s)?

- () Sim () Não

21. A(s) pessoa(s) que te agrediram era(m):

() Do sexo masculino	() Mais velhos	() Da tua turma
() Do sexo feminino	() Mais novos	() De outra turma do mesmo ano
	() Da mesma idade	() De outra turma do outro ano

22. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)? () Sim () Não

23. **Se SIM**, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

- () Não fizeram nada
 () Fugiram e/ou tiveram medo
 () Recorreram a um adulto
 () Pediram ao agressor para parar
 () Aproximaram para ver
 () Apoiaram o agressor
 () Aconselharam a afastar-se do agressor
 () Riram da situação
 () Apoiaram o agredido
 () Outra. Qual? _____

24. Durante **as duas últimas semanas** viste alguém ser vítima de alguma ou algumas das agressões que a seguir se referem, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações? (Assinala com uma cruz nas colunas que correspondem às situações que observaste).

	SIM	NÃO
Empurrar com violência		
Ameaçar		
Humilhar		
Bater		
Chamar por nomes feios		
Levantar calúnias/rumores (disseram ruins de ti ou da tua família)		
Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)		
Tirar coisas (objetos pessoais, dinheiro)		
Ferir de propósito (beliscaram com força, machucaram com objetos)		
Estragar os objetos pessoais ou vestuário de propósito		
Tocar contra a vontade da pessoa		
Fazer intrigas		
Outras agressões ou perseguições		

Quais? _____

25. O que fez?/ Que atitude você tomou?

- () Não fiz nada
 () Fugi e/ou tive medo
 () Recorri a um adulto

- () Pedi ao agressor para parar
 () Aproximei-me para ver
 () Apoiei o agressor
 () Aconselhei-a afastar-se do agressor
 () Ri da situação
 () Apoiei o agredido
 () Outra. Qual? _____

26. Onde ocorreram essas situações?

- () Sala de aula
 () Recreio
 () Corredores e escadas
 () Refeitório
 () Espaços de Educação Física (vestiários, quadra esportiva)
 () Banheiros
 () Imediações da escola
 () Outra. Qual? _____

27. **Nas duas últimas semanas** tiveste para com algum colega, na escola, ou nas suas imediações, alguma das atitudes ou comportamentos que a seguir se referem? (Assinala com uma cruz nas colunas que correspondem aos comportamentos ou atitudes que tiveste).

	SIM	NAO
Empurrar com violência		
Ameaçar		
Humilhar		
Bater		
Chamar por nomes feios		
Levantar calúnias/rumores (disseram ruins de alguém ou da sua família)		
Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)		
Tirar coisas (objetos pessoais, dinheiro)		
Ferir de propósito (beliscaram com força, machucaram com objetos)		
Estragar os objetos pessoais ou vestuário de propósito		
Tocar contra a vontade da pessoa		
Fazer intrigas		
Outras agressões ou perseguições		

Quais? _____

28. Quantas vezes praticou estas ações durante este período de tempo?

- () Uma vez
 () Duas vezes
 () Três vezes
 () Mais de três vezes

29. Em que local ocorreram essas situações?

- () Sala de aula
 () Recreio
 () Corredores e escadas
 () Refeitório
 () Espaços de Educação Física (vestiários, quadra esportiva)
 () Banheiros
 () Imediações da escola
 () Outra. Qual? _____

30. Estas ações foram praticadas em grupo com outros colegas ou sozinho?

- () Sozinho () Em grupo

31. Ao longo dessas duas semanas, você agrediu ou perseguiu algum dos teus colegas mais do que uma vez?

- () Não
 () Sim; 2 vezes
 () Sim; 3 vezes
 () Sim; mais de três vezes

32. Ainda continua a agredir ou a perseguir algum desses colegas? () Sim () Não

33. Na tua opinião, quais as razões que levam para que você tenha estes comportamentos?

- () Vingança
 () Defesa de outros colegas
 () Desprezo
 () Brincadeira
 () Reação a provocações
 () Irritação
 () Outra. Qual? _____

34. O que sentes pelos colegas que você agride ou persegue na escola?

- () Raiva
 () Desprezo
 () Pena
 () Carinho
 () Nada
 () Outra. Qual? _____

35. A(s) pessoas (s) que você agrediu ou perseguiu era(m):

() Do sexo masculino	() Mais velhos	() Da tua turma
() Do sexo feminino	() Mais novos	() De outra turma do mesmo ano
	() Da mesma idade	() De outra turma do outro ano

36. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)? () Sim () Não

37. **Se SIM**, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

- () Não fizeram nada
 () Fugiram e/ou tiveram medo
 () Recorreram a um adulto
 () Pediram ao agressor para parar
 () Aproximaram-se para ver
 () Apoiaram o agressor
 () Aconselharam a afastar-se do agressor
 () Riram da situação
 () Apoiaram o agredido
 () Outra. Qual? _____

38. Foste castigado por causa dessa ou dessas situações? () Sim () Não
Se SIM, qual foi o castigo? _____

39. Alguém já te ajudou a modificar o teu comportamento? () Sim () Não
Se SIM, quem? _____

40. Gostaria de ter um comportamento diferente com teus colegas? () Sim () Não

41. Por quê? _____

42. **Se SIM**, o que já fizeste para mudar teu comportamento?

- () Não reagir ás provocações
 () Controlar-me melhor
 () Conviver mais com os colegas
 () Conviver menos com os colegas
 () Nada
 () Outro. Qual? _____

43. O que pensas acerca do problema da agressividade na escola? _____

44. Considera-te vítima da agressão ou perseguição de outros na escola? () Sim () Não

Se respondeste NÃO, passe à pergunta 50.

45. O que sentes quando te agridem ou te perseguem?

46. A que razões atribuis essas situações?

47. O que fazes quando te sentes agredido(a) ou perseguido por alguém na escola?

48. Já pediu ajuda a alguém para ultrapassar este problema? () Sim () Não

49. **Se SIM**, a quem? _____

50. Achas que os teus colegas te consideram uma pessoa agressiva? () Sim () Não

Por quê? _____

51. Você concorda com a opinião dos teus colegas? () Sim () Não

Por quê? _____

52. Qualquer outro aspecto que queiras mencionar da tua vida escolar, podes escrever aqui.

ⁱ UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISABEL P. Freire, Ana M. Veiga Simão & Ana S. Ferreira. **O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa.** Universidade de Lisboa, Portugal. In: REVISTA PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO, 2006, 19(2), pp. 157-183- CiEd – Universidade do Minho.